



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**ANA ISABEL TORRÃO DA CRUZ**

**Ser masculino e ser feminino**  
**Duas formas complementares do ser humano**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
**Prof. Doutor José Carlos Carvalho**  
**Coorientação: Prof. Doutora Helena Gil da Costa**

**Porto**  
**2011**

## **Agradecimentos**

Depois de um longo trabalho que envolveu um grande esforço, dedicação e algumas preocupações, sinto necessidade de agradecer àquelas pessoas que me acompanharam neste percurso e que foram importantes para a realização do mesmo.

Assim, quero agradecer:

Aos meus pais pelo apoio e compreensão;

Ao meu irmão pela paciência e ajuda que me deu;

Aos meus amigos que foram aguentando os meus desabafos e me foram dando forças e coragem nos momentos difíceis;

À professora Doutora Helena Gil da Costa e ao professor Doutor José Carlos Carvalho pela orientação, paciência e dedicação para com o meu trabalho, para com as minhas dúvidas e incertezas.

Àquelas pessoas, que não quero mencionar nomes mas, que me foram apoiando, incentivando nos momentos de eventuais desistências e desânimos.

Sem estas pessoas todo o trabalho se tornaria mais difícil, mais penoso, mais árduo e cansativo, pois foram as palavras de incentivo, coragem, ajuda que me deram ânimo para concluir este trabalho.

A todos o meu sincero e verdadeiro obrigada.

## **Siglário**

### **Antigo Testamento**

#### **Pentateuco**

Gn            Génesis

#### **Livro Sapienciais**

Pr            Provérbios

Sb            Sabedoria

Sl            Livro dos Salmos

#### **Livros Proféticos**

Is            Isaiás

### **Novo Testamento**

#### **Evangelhos**

Lc            Evangelho segundo S. Lucas

Jo            Evangelho segundo S. João

#### **Cartas de S. Paulo**

1 Cor        1º Epistola aos Coríntios

#### **Documentos do Magistério**

FC            Familiaris Consortio

MD           Mulieris Dignitatem

#### **Outras Abreviaturas**

CIC           Catecismo da Igreja Católica

EMRC        Educação Moral e Religiosa Católica

UL            Unidade Letiva

SNEC        Secretariado Nacional Educação Cristã

## **Introdução**

### **1 – Contextualização**

“Ser masculino e ser feminino” é o tema escolhido para este trabalho. Este tema insere-se na Unidade Letiva três, “A adolescência e os afetos” do livro do sétimo ano, “Desafios”, da disciplina de EMRC e foi escolhido e aprofundado de acordo com a planificação da UL3.

As diferenças entre o homem e a mulher são inúmeras. A primeira diferença que se destaca é a física. Anatómica e biologicamente o homem e a mulher são diferentes. No entanto, não se pode restringir estas diferenças só ao aspeto físico, mas também a nível cultural, educacional e social as podemos encontrar. É urgente tomar consciência destas diferenças para que se perceba, compreenda e apreenda que as identidades masculinas e femininas vão-se formando consoante as influências socioculturais. Convém referir que apesar destas diferenças estes dois seres necessitam um do outro. Por exemplo, na sua dimensão social o contacto com o outro ser, a abertura ao outro só faz sentido e só é completa quando o homem e a mulher convivem um com o outro, quando partilham experiências e quando há um relacionamento.

No entanto, ao longo dos tempos, a relação entre homem e mulher vai sofrendo alterações. O ser masculino era visto como o “chefe da família” e a mulher como a “dona de casa”. Eram destinados, previstos e organizados certos trabalhos para o masculino e outros para o feminino. Estas ideias foram-se enraizando na sociedade e eram esperados, quer por parte do homem, quer por parte da mulher, certos padrões de comportamento que correspondessem aos “papéis” femininos e masculinos. Com o passar dos anos, a mulher sente necessidade de se “libertar” destes “rótulos” e vai alcançando, em algumas sociedades, o seu espaço no mundo do trabalho, conquistando a sua emancipação, apesar desta conquista ainda estar longe de estar concluída. Todavia, não é só o “papel” feminino que sofre alterações. A postura do homem perante a “nova” mulher também se vai alterando e aos poucos a conceção que este tinha e que lhe fora inculcada como o “chefe único” da família também se vai modificando e em algumas sociedades, o homem e a mulher partilham os mesmos locais de trabalho, dividem as despesas da casa bem como as tarefas domésticas.

Estas mudanças de atitude, de posição perante o “novo” homem e a “nova” mulher também trouxeram novas vivências face à sexualidade. A forma como, hoje em dia, a sexualidade é vivida, encarada e construída também é fundamental para compreender mais estas diferenças entre estes dois seres. Por este motivo, é fundamental perceber que a sexualidade não se reduz só à relação sexual que se mantêm com a outra pessoa, mas engloba todo o ser, a forma de estar, de agir e de se relacionar.

Apesar das várias diferenças existentes entre o homem e a mulher, há aspetos que os tornam semelhantes: a dignidade, os direitos, os deveres, os sentimentos, a mesma natureza... Toda esta explicação surge nos primeiros capítulos da Bíblia. Quando Deus criou Adão e Eva à sua imagem e semelhança surge a ideia de que o homem e a mulher têm a mesma natureza, logo são criados um para o outro, para a comunhão, para o diálogo, para a partilha, para uma relação de união e de amor. É nesta relação de união e de amor que reside toda a complementaridade destes dois seres. Sem amor, elemento já presente desde a criação do mundo, o homem e a mulher não se conseguem completar, pois é no amor que reside toda a abertura ao outro, toda a complementaridade e toda a forma mais sublime de relacionamento. Assim o homem e a mulher apesar de diferentes complementam-se numa relação de amor.

Esta complementaridade tem de ser explicada aos alunos de uma forma simples e clara, atendendo à sua faixa etária. Para tal foi desenvolvida uma planificação de acordo com o programa de EMRC, foi também desenvolvida uma análise crítica à planificação, bem como a sua relação com o tema, pois é necessário que os alunos tomem consciência que ao homem e a mulher têm a mesma dignidade, não são inferiores nem superiores, mas são iguais e complementam-se numa relação de amor.

## **2 – Método**

Neste trabalho procura-se analisar a UL3, “A Adolescência e os afetos”, do sétimo ano de escolaridade. Nesta UL3 inclui-se a parte pedagógica e didática sem esquecer a perspetiva bíblica, característica fundamental na disciplina de EMRC. Esta planificação, realizada na prática supervisionada e incluída no dossier de estágio, explana conteúdos referidos no programa de EMRC.

Dos conteúdos mais significativos abordados na planificação (as mudanças da referência social: a família e os amigos; identificação de sentimentos: amizade, amor e desejo sexual; linguagem do amor: ultrapassar o egocentrismo infantil), desenvolveu-se

uma fundamentação teórica, referindo alguns aspetos da Sociologia, da História, sem nunca esquecer a parte bíblica/teológica tão rica e essencial para este tema. Finalmente, encontra-se uma análise crítica à planificação e a sua relação com o tema.

### **3 - Organização**

Este trabalho está dividido em três partes fundamentais: a primeira parte está mais direcionada para a Sociologia; a segunda parte expõe uma perspetiva bíblica/teológica sobre o homem e a mulher e a terceira parte apresenta a elaboração de uma planificação realizada na prática supervisionada no ano de 2008/2009.

Na primeira parte, pretende-se salientar algumas diferenças e desigualdades entre o homem e a mulher, referir algumas mudanças ocorridas nestes dois seres e a importância que a sexualidade tem na sua relação. Na segunda parte, através da fundamentação bíblica/teológica, com base nos relatos da Criação do livro do Génesis, evidencia-se que o homem e a mulher se podem complementar numa relação de amor. Na terceira parte, encontra-se a planificação da UL3, “A Adolescência e os afetos”. Neste ponto, são expostos os objetivos gerais e específicos, os conceitos organizadores, os conteúdos cognitivos, procedimentais e atitudinais, as metodologias utilizadas, as estratégias, os recursos utilizados e a avaliação. No final da planificação, apresenta-se uma análise crítica e a relação que o tema, “ser masculino e ser feminino”, tem com a planificação.

### **4 – Objetivos**

Os objetivos propostos para a abordagem deste tema são:

- a) Perceber que há diferenças e desigualdades entre o homem e a mulher, mas que estas vão sofrendo alterações ao longo dos tempos.
- b) Compreender que a perspetiva bíblica defende que o homem e a mulher foram feitos à imagem e semelhança de Deus e como tal têm a mesma natureza.
- c) Interpretar, à luz da Teologia, que estes dois seres, homem e mulher, complementam-se numa relação de amor.
- d) Aplicar uma unidade letiva (“A adolescência e os afetos”) a um determinado público (alunos do sétimo ano de escolaridade).

- e) Analisar de forma crítica, a diferença entre EMRC e catequese, confusão entre conteúdos e recursos

## **I Parte**

### **1 – As diferenças entre homem e mulher**

O que é ser homem? O que é ser mulher? Por que razão se diz “isto são coisas de homens” ou “isto são coisas de mulheres”?

Homem e mulher são dois seres diferentes. A cultura e a educação, quer a familiar, quer a social/escolar, contribuíram, em parte, para incutir e criar estereótipos capazes de influenciar comportamentos e criar expectativas no ser masculino e no ser feminino.

As diferenças entre a feminilidade e masculinidade são muitas, por isso torna-se necessário perceber se estas diferenças são biológicas, físicas, culturais e / ou sociais.

De acordo com as várias leituras feitas, o sexo, seja masculino, seja feminino, remete para as diferenças físicas, biológicas, pois a este nível cada ser humano nasce já com o sexo definido e fisicamente estes dois seres diferem um do outro. O género, masculino e feminino, sofre influências culturais e sociais e, na grande maioria dos casos, o homem e a mulher apresentam comportamentos de acordo com os padrões esperados pela sociedade. Por tudo isto, urge aprofundar as diferenças entre sexo e género.

#### **1.1 - Sexo**

Em primeiro lugar, é necessário encontrar uma definição objetiva, precisa e concisa. Assim, pode-se referir que sexo “é a conformação física, orgânica, celular, particular que permite distinguir o homem e a mulher atribuindo-lhe um papel específico na reprodução.”<sup>1</sup> Há uma distinção do homem e da mulher e uma contribuição fundamental e específica na reprodução de outros seres. Basicamente, sexo refere-se às diferenças anatómicas, biológicas, físicas e corporais que separam o sexo feminino do masculino. A palavra sexo já se encontra definida pelo dicionário, no entanto, atendendo ao trabalho em questão, há necessidade de a entender de uma forma sociológica. Segundo Giddens, a palavra sexo é ambígua, porque no uso comum, refere-se às diferenças físicas e culturais entre homem e mulher, bem como a forma de encarar o ato sexual.

---

<sup>1</sup> Dicionário electrónico de Língua Portuguesa 2a, Houaiss, Abril 2007

## 1.2 - Género

Analisando a palavra género, com auxílio do dicionário de Língua Portuguesa, percebe-se que, etimologicamente, significa nascimento, descendência, origem, raça. Para a Sociologia, género<sup>2</sup> engloba as diferenças culturais entre homens e mulheres bem como as expectativas sociais em termos do comportamento tidos como apropriado aos membros de cada sexo. Género não engloba os atributos físicos dos homens e das mulheres, mas as formas de comportamento socialmente aprendidas e as características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura. Assim, percebe-se que género não abrange os aspetos físicos do homem e da mulher, como era o caso do sexo referido anteriormente, mas reúne, em si, os comportamentos aprendidos e apreendidos, desde criança, por estes dois seres de acordo com a sua sociedade e cultura.

Através de padrões de comportamento, a sociedade espera que os homens e as mulheres assumam um determinado tipo de modelos incutidos durante a sua infância e que estes comportamentos se verifiquem ao longo das suas vidas adultas. No entanto, será que estes comportamentos foram sempre assim ou modificaram-se com o passar dos anos?

Pelas leituras realizadas, vislumbra-se que estes comportamentos sofrem alterações tendo em conta o contexto, a cultura, o espaço e a temporalidade. Muitas sociedades desenvolveram-se em volta da mulher, pois esta cuidava dos filhos, tratava dos campos, influenciando a vida da sociedade.<sup>3</sup> No entanto, as ideias criadas vão-se enraizando ao longo dos tempos e lutar contra eles é um processo árduo, doloroso e demorado, porque na maioria dos casos, os comportamentos formados e assimilados são opiniões que se transformam em convicções redutoras, fortemente assumidas e generalizadas, convertendo uma característica específica em comum/geral, levando, frequentemente, a ideias pejorativas, obrigando, pela força da pressão social, a atuar segundo um determinado padrão.

## 1.3- Socialização de género

A socialização de género refere-se ao processo, à educação e à aprendizagem que o homem e a mulher apresentam perante determinada situação, de acordo com a

---

<sup>2</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 121

<sup>3</sup> MORGAN, Lewis H. “A sociedade primitiva”; Volume I, 2 ed, Editorial Presença, Lisboa, Portugal, Martins Fontes Brasil, 1976, 102

educação que lhes foi transmitida ao longo da sua infância. Giddens refere que a “socialização de género começa assim que a criança nasce”<sup>4</sup>, isto é, a criança tem uma “aprendizagem de papéis de género através de fatores sociais, como a família e os meios de comunicação.”<sup>5</sup> Desde de cedo, “as crianças são levadas a se identificarem com modelos do que é feminino e masculino para melhor desempenharem os papéis correspondentes.”<sup>6</sup>, ou seja, a educação atribui ao homem e à mulher uma forma diferente de se comportar, de vestir, de falar que influenciam a socialização do género. “De uma forma clara, a socialização do género é uma força muito poderosa, e desafiá-la pode ser bastante perturbador,”<sup>7</sup> pois a partir do momento que se nasce, menino ou menina, a sociedade espera um determinado tipo de comportamento deles, que cumpram e correspondam às expectativas criadas e que se identifiquem com o seu género.

Deduz-se, então, pelo que foi referido anteriormente, que a socialização de género reflete a forma como o homem e a mulher se sentem e assumem, reflete-se na forma como cada um se vê, isto é, a partir do momento que a pessoa nasce, começa a construir uma imagem de si mesma e à medida que cresce, vai tendo atitudes e comportamentos que correspondem a essa mesma imagem e os outros esperam, formando, assim a sua identidade. No entanto, convém referir que a identidade de uma pessoa não é redutível ao género e jamais pode declarar-se concluída, adquirida, acabada, uma vez que sofre alterações, transformações e modificações devido às influências genéticas, sociocomunitárias e resultado de experiências pessoais, quer positivas, quer negativas. Assim, ao longo da sua vida o ser humano vai construindo a sua identidade condicionando fortemente a sua forma de estar na vida, de se relacionar consigo próprio e com os outros. E é na relação intersubjetiva, que o ser humano melhor percebe a sua identidade de género. Freud e Chodorow apresentam duas teorias sobre este assunto.

Para Freud a aprendizagem do género surge por volta dos quatro e cinco anos e tudo se centra “*na posse ou ausência do pénis*”<sup>8</sup>. Ou seja, o menino sente-se ameaçado pela disciplina e a autonomia que o pai lhe impõe, vendo neste, um rival do afeto da mãe. A criança identifica-se com o pai e torna-se consciente da sua masculinidade. A

---

<sup>4</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 253

<sup>5</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 123

<sup>6</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 120

<sup>7</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 127

<sup>8</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 128

menina tem inveja do pênis e adota uma atitude submissa para com a mãe, identificando-se com ela. Esta teoria foi muito criticada, porque Freud parece fazer corresponder demasiado a identidade do género com a “consciência genital” esquecendo outros fatores: a educação, a personalidade, o meio social onde a criança nasce e cresce... A teoria parece depender muito da noção de que o pênis é superior à vagina (considerada como mera ausência do órgão genital masculino). Talvez por este motivo, Freud atribua ao pai o papel de disciplinador. No entanto, verifica-se, na maioria das culturas, que a mãe é a protagonista da disciplina e da educação da criança.<sup>9</sup>

Uma outra teoria, bastante mais recente, apresentada por Chodorow, refere que a consciência de ser masculino ou feminino está diretamente relacionada com a ligação que a criança tem com os seus pais nos primeiros tempos de vida. As relações entre pais e filhos são muito importantes para que as crianças aprendam a ser homens ou mulheres.

O “aprender” a ser homem e mulher sofre uma forte influência na relação que as crianças estabelecem com os progenitores. A partir do momento que a criança nasce, estabelece com os pais um processo de aprendizagem que lhe permite aprender e apreender o que é ser mulher e ser homem. A expressão utilizada por Simone de Beauvoir<sup>10</sup>, “*o homem não nasce homem, ele torna-se homem*”, reforça claramente esta ideia. Tal afirmação explica a forte influência sociocultural que existe na construção do ser humano, ou seja, quer a masculinidade quer a feminilidade não é determinada só por dados biológicos, mas também é influenciada pelo seu contexto social e cultural.

## **2 – As desigualdades entre o homem e a mulher**

Giddens afirma que a “desigualdade entre homens e mulheres era um fator intrínseco da família tradicional. (...). Na Europa, as mulheres eram propriedade dos maridos ou dos pais – os seus bens, segundo a definição legal. A desigualdade de tratamento estava relacionada com a necessidade de assegurar a linhagem e a herança. (...). O que se apreciava numa rapariga respeitável era a virgindade e, no caso das esposas, a constância e a fidelidade”.<sup>11</sup>

A educação recebida na comunidade influencia o ser humano e vai formatando o seu pensamento e conseqüente atuação. Há um manancial ancestral inscrito nos genes

---

<sup>9</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 128-129

<sup>10</sup> BEAUVOIR, Simone, “O Segundo sexo” vol.1, Edição Bertand, Lisboa, 2008, 212

<sup>11</sup> GIDDENS, Anthony – O mundo na era da Globalização. Editorial Presença. Lisboa: 2000, 59-60.

humanos e entre o menos positivo, destacam-se todos os estereótipos que reforçam a ideia de que a mulher não tem o mesmo valor que o homem. Ao longo dos anos, a mulher foi considerada inferior ao homem em numerosas sociedades. Segundo Hans, a sociedade ocidental mostrava que o homem era a norma, o padrão da sociedade. Tudo o que não fosse masculino apresentava um desvio à norma. As qualidades femininas eram desvalorizadas em detrimento das masculinas.<sup>12</sup>

Durante anos, a mulher viveu com a ideia que era frágil, que deveria ser protegida, que dependia do homem e que deveria ser submissa aos interesses do seu marido, quer a nível material quer a nível sexual (a mulher era importante para dar continuidade à herança genética do homem, independentemente se conseguia ter prazer na relação com o seu cônjuge), pois não lhe eram reconhecidas qualidades que a pudessem libertar desta ideia. A mulher foi discriminada socialmente porque nunca lhe foi reconhecido o seu devido valor, ficando o seu “mundo” restrito às lidas domésticas, à casa, cuidando dos filhos e do marido. Praticamente a mulher não tinha acesso à educação, nem à vida pública e política. Não podia “pensar” para além daquilo que lhe dizia diretamente respeito, não podia emitir opiniões nem discutir ideias. Tudo à sua volta contribuía para a reduzir a um ser inferior, inculcando-lhe que o papel de mãe, esposa fiel, virtuosa e “fada do lar” era medíocre.

Talvez por estes motivos, a mulher, durante anos, também tenha sido vítima de violência por parte do homem. O recurso à violência sempre foi um ato realizado pelas pessoas para impor, para intimidar, para subjugar o outro. Durante muitos anos, a mulher dependia do homem e talvez por causa disso foi-se deixando submeter e manipular à vontade do homem durante anos.<sup>13</sup> Como não tinha instrução nem um trabalho que a tornasse independente ao nível monetário e de subsistência, submetia-se à vontade do “mais forte”. Ainda hoje se verifica que a violência exercida no seio familiar continua. Muitas mulheres sentem esta violência e são maltratadas porque “são

---

<sup>12</sup> HANKS . S. E, “revolution Sexual y Violência contra la Mujer, Limites entre Liberation y Exploitation” (tradución de J. Valiente Malla), in Concilium, Revista Internacional de Teologia, nº 193, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1984, 411-413. “A desvalorização do feminino – devido à sua condição de cultura patriarcal, a sociedade ocidental ensina a homens e mulheres que o homem representa a norma ou o padrão com que se há-de comparar o resto. Todo o não masculino vem a ser um desvio da norma e há-de julgar-se consequentemente inferior. Valorizam-se os homens e as qualidades masculinas, enquanto as mulheres e as qualidades femininas são desvalorizadas. No sistema patriarcal não se admite o conceito de diferente, mas o conceito de igual.”

<sup>13</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2º Edição, 2000, 231 “A violência contra as mulheres era um aspecto comum do casamento nos tempos medievais e no princípio da industrialização. Até finais do século XIX não existiam leis na Inglaterra que proibissem a um homem agredir fisicamente a sua mulher, desde que não houvesse danos físicos graves ou homicídio.”

emocionalmente dependentes de seus agressores, ou não tem trabalho, dinheiro, e nem um lugar para ir. Elas podem ficar embaraçadas em admitir que têm sido espancadas, ou que ao menos têm problemas na relação. Algumas ficam por questões religiosas, ou por ele ser o pai das crianças, outras amam seus companheiros ou sentem que eles não podem viver sem elas. Diante disso, é um verdadeiro milagre que tantas vítimas consigam sair e ficar sem a agressão como parte de suas vidas.”<sup>14</sup> Segundo as pesquisas realizadas pelo *Georgia Commission on Family Violence*, sediado em Atlanta, EUA, a agressão doméstica é mais comum do que se pensa, visto que as mulheres submetem-se aos maus tratos dos homens, são muitas vezes isoladas e agredidas. No entanto, apesar deste cenário, elas ainda permanecem em casa.<sup>15</sup>

Não é fácil para a mulher admitir que é vítima de violência por parte de um homem, porque, também, está em causa o seu orgulho e a sua dignidade (que neste caso está posta em causa, mas à vista dos outros ela sente-se envergonhada). Os motivos que levam a mulher a “acomodar-se” e a permanecer nesta situação são inúmeros mas fica sempre a esperança que este cenário um dia se altere. Mudar mentalidades é um processo moroso, doloroso e gerador, frequentemente, de desistências. Hoje, pede-se à mulher que lute e não se acomode e ao homem que tenha coragem de mudar, de aprender a reconhecer na mulher o seu valor, que a aceite como ela é numa atitude fraterna.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> In [http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/Mitos%20e%20factos%20Violencia\\_domestica.htm](http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/Mitos%20e%20factos%20Violencia_domestica.htm) (consultado a 20 de Novembro de 2010)

<sup>15</sup> In [http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/Mitos%20e%20factos%20Violencia\\_domestica.htm](http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/Mitos%20e%20factos%20Violencia_domestica.htm) “as mulheres que sofrem agressão tem profunda convicção de que podem sofrer uma agressão mais severa ou mesmo ser mortas, caso tentem abandonar a relação com o agressor. Agressores deliberadamente deixam suas parceiras isoladas, e as impedem de trabalhar, de ter oportunidade de educação e chances profissionais. Isto combinado com as desigualdades de oportunidades para homens e mulheres e com a falta de suporte para cuidar dos filhos pequenos, torna excruciante a decisão de sair. Não é, de modo algum, algo simples a saída da mulher de sua casa.” (consultado a 20 Novembro de 2010)

<sup>16</sup> LAMAS, Estela – A Mulher em questão: contributos para uma pastoral da Mulher. Ed. Federação das Mulheres Metodistas. Porto: 1998, 81-82. “Para que as mutações se realizem harmoniosamente e com sucesso, talvez seja preciso mais coragem ao homem do que à mulher. Ele tem de aprender a viver com um outro ser, aprender a decidir e a pensar com esse outro, a questioná-lo, a saudá-lo, a reconhecer que a auto-suficiência não só é impossível, como também é falsa e destruidora; ele tem, hoje, de se alegrar com a libertação do oprimido de ontem e de aceitar as dificuldades pessoais e públicas que decorrem da entrada em cena daquela humanidade que até agora esteve afastada, mantida à força nos bastidores, obrigada a desempenhar o papel do coro das antigas tragédias. Mais do que uma atitude fraterna, o que se pede ao homem, hoje, é que aceite o dom do amor ao próximo, embora nós saibamos que essa aceitação lhe pede um grande esforço e humildade”.

### **3 – O homem e a mulher: que imagem?**

Em algumas sociedades, nomeadamente nas industrializadas, a imagem e as funções destes dois seres, masculino e feminino, sofreram alterações.<sup>17</sup> A mulher, educada para o trabalho doméstico e dependente do marido, sente necessidade de lutar pela sua liberdade, independência, igualdade e dignidade. Algumas foram bem sucedidas e este sucesso fez com que certos homens olhassem para o sexo oposto como alguém capaz de desempenhar as mesmas funções que este ocupava.

Com esta mudança, alguns homens aceitam partilhar os mesmos cargos e as mesmas funções que anteriormente eram só desempenhadas por eles. Em Portugal só há pouco tempo se legislou que a representação mínima para as listas da Assembleia da República, para o Parlamento Europeu e para as autarquias locais para cada um dos sexos é de 33,3%<sup>18</sup>. E pela primeira vez, neste país, uma mulher foi eleita presidente da Assembleia da República.

#### **3.1– A mulher: uma imagem doméstica?**

Na cultura grega e romana, o lugar ocupado pela mulher era dedicada ao lar, às festas religiosas. Não tinha vida social e muitas vezes era considerada uma escrava.

Nas sociedades pré industrializadas, as atividades produtivas e as domésticas não estavam separadas. O trabalho era perto de casa, ou a grande maioria era mesmo em casa e todos os membros da família ajudavam na produção. Quer mulheres, quer crianças trabalhavam com os homens. As mulheres eram importantes nos processos económicos, mas não participavam nos domínios políticos e de guerra.

Com a separação trabalho – casa, o cenário ganha outro impacto na sociedade. O desenvolvimento da indústria moderna obriga a serem contratados indivíduos e não as famílias. “A forma antiga de tratar as famílias como unidade de trabalho demorou, contudo, muito tempo a desaparecer. Na primeira parte do século XIX, na Inglaterra e em muitos outros países europeus, os patrões ainda contratavam frequentemente unidades familiares. Se o pai era admitido para trabalhar na fábrica, por exemplo, a

---

<sup>17</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 215

<sup>18</sup> Cf. DIÁRIO DA REPÚBLICA 1.ª série: Assembleia da República, Lei Orgânica n.º 3/2006 de 21 de Agosto

mulher e os filhos eram também contratados como criados domésticos ou como trabalhadores agrícolas.”<sup>19</sup>

No entanto, esta prática deixa de ser utilizada e com ela surge a divisão entre as mulheres: as ricas e as pobres. As mulheres ricas têm criadas e pessoas que as ajudam nas lides domésticas. Já as mulheres com menos posse têm necessidade de realizar todas as tarefas de casa e para ajudar no aumento do salário do marido ainda vão trabalhar numa indústria.<sup>20</sup> Devido à Primeira e Segunda Guerra Mundial, a mão-de-obra masculina diminuiu. Assim, cabia à mulher realizar trabalhos que até então eram atribuídos aos homens, conquistando o respeito de outras pessoas através da sua capacidade produtiva. A ideia de que a mulher tinha de ser meiga e doce começa a modificar-se, demonstrando que esta é capaz de desempenhar funções, trabalhos e várias atividades, pois é um ser inteligente e eficaz.

Depois das grandes Guerras Mundiais e com o aparecimento dos movimentos feministas, as mulheres foram conquistando um lugar na vida produtiva social. No entanto, as reservas e limitações a certos cargos, a certas profissões foram restritos.<sup>21</sup> Segundo a autora Riva, ainda há poucas mulheres que chegam a cargos diretivos e quando os alcançam, há da parte dos homens, algumas reservas face à forma como o conseguiram. Esta autora acrescenta ainda que o “costume, mais do que a lei, mantêm a mulher em ocupações de segunda ordem, sempre sujeita ao homem.”<sup>22</sup>

Apesar desta conquista no mundo laboral, é ao homem que cabe o maior salário e os melhores trabalhos, pois as mulheres ainda “continuam a ser vistas como as principais responsáveis pela casa e pela família.”<sup>23</sup> É curioso verificar o facto de uma mulher ter ou não filhos e as consequências no mundo do trabalho. Veja-se este

---

<sup>19</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 217

<sup>20</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 217

“Contudo, à medida que esta prática declinava, estabeleceu-se uma divisão crescente entre a casa e o local de trabalho. A mulher passou a ser associada com os valores “domésticos”, ainda que a ideia de que o “lugar da mulher é em casa” tivesse implicações diferentes para as mulheres segundo o lugar que ocupavam na sociedade. As mulheres com posses tinham criadas, enfermeiras e empregadas domésticas. Os fardos eram bem mais pesados para as mulheres pobres, que tinham de dar conta das tarefas caseiras e, ao mesmo tempo, trabalhar numa indústria para suplementar o ganho do marido.”

<sup>21</sup> RIVA, A, “Feminismo”, in Dicionário de Espiritualidade, Edições Paulinas, São Paulo, 1989, 448 “As mulheres foram aceitas como operárias e empregadas, mas com salários inferiores aos dos homens, embora em condições de paridade de trabalho e de rendimento, depois tiveram acesso a determinadas profissões, mas também aí com restrições e reservas, como, por exemplo, em certos campos: do ensino, da medicina ou da magistratura.”

<sup>22</sup> RIVA, A, “Feminismo”, in Dicionário de Espiritualidade, Edições Paulinas, São Paulo, Vol. I 1989, 448

<sup>23</sup> RIVA, A, “Feminismo”, in Dicionário de Espiritualidade, Edições Paulinas, São Paulo, Vol. I 1989, 448

exemplo<sup>24</sup>: uma mulher que não tem filhos tem mais possibilidades de trabalhar a tempo inteiro do que aquela que tem crianças. Na década de oitenta, uma mulher grávida, depois do nascimento da criança, quando regressava ao trabalho já só o fazia de forma parcial e com pior remuneração. Hoje em dia, o cenário modificou-se e a mulher já regressa ao trabalho a tempo inteiro, na mesma ocupação. No entanto, “um dos aspetos mais importantes que afetam as carreiras das mulheres é a perceção masculina de que, para as mulheres trabalhadoras, o emprego vem em segundo lugar, depois dos filhos”<sup>25</sup>

Apesar de tantas dificuldades, algumas mulheres ainda lutam pelos seus empregos e pelas oportunidades de trabalho que são dadas aos homens Mas será que esta conquista é bem aceite pelo homem? Será que o ser masculino respeita e aceita esta “nova mulher”?

### **3.2 – Homem: um ser em mudança**

A imagem da mulher foi-se alterando e modificando, ao longo dos tempos, bem como a postura do homem. Face aos novos tempos e perante a independência da mulher, o homem demonstra, por vezes, uma certa alienação quer na sua vida profissional, quer na sua vida pessoal. Há, claramente, uma desigualdade social, isto significa que as mulheres têm menos recursos materiais, estatuto social, poder e oportunidades de autorrealização do que os homens com quem partilham a mesma posição social.<sup>26</sup> A posição ocupada na sociedade pelos homens e pelas mulheres não é apenas diferentes, mas também desigual; a desigualdade social entre estes resulta, principalmente, da organização da sociedade e não de diferenças biológicas ou psicológicas significativas entre os mesmos. Estas mudanças não se referem só a nível profissional, mas também a nível familiar, profissional e sexual.

Na tradição patriarcal, durante os primeiros anos de vida, o homem não tinha um papel ativo na educação dos filhos e muitas vezes a criança estranhava aquele ser de voz tão grossa. Cabia à mulher a educação dos filhos.<sup>27</sup> Aliás, em algumas aldeias portuguesas ainda se houve a frase “A mãe dá o pão, o pai o pau”. Nos meados do século XIX, o pai trabalhava fora o dia todo e também não se verificava grande contacto

---

<sup>24</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2º Edição, 2000, 219

<sup>25</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2º Edição, 2000, 219

<sup>26</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2º Edição, 2000, 218-219

<sup>27</sup> ALMEIDA, Filipe “Identidade no masculino”, in Cadernos de Bioética, nº22, Edição CEB, Coimbra, 2000 36-37

com os filhos. Este cenário sofre uma grande transformação. Hoje em dia, já é comum ver homens que colaboram nas atividades domésticas e na educação dos filhos, visto que a mulher também trabalha fora e surge a necessidade de dividir tarefas, para melhor organização familiar, levam os filhos ao médico e mostram o seu lado mais terno, mais doce, que na época patriarcal era considerado uma “vergonha”.<sup>28</sup>

Foi inculcado ao homem que o seu papel/função passava pela responsabilidade económica bem como pela subsistência do lar/família. O homem procurou emprego fora de casa para cumprir e desempenhar esta tarefa que lhe fora transmitida. Começou-se a estabelecer ou atribuir os espaços que o ser masculino e feminino iam ocupar: mulher – casa; homem - na rua, trabalhar para sustentar a família.<sup>29</sup> Aos poucos o cenário vai sofrendo algumas alterações, a mulher, como já referido anteriormente, vai lutando pela sua igualdade no mundo do trabalho. No entanto, a nível profissional, ainda se verifica, por parte de alguns homens, certas reservas em aceitar a mulher no campo laboral, pois apesar das diferenças entre o ser masculino e feminino na sua estrutura física, na sua condição biológica e nas suas influências sociais, estas não devem ser motivo para excluir as mulheres de certos cargos, de certas profissões, só porque, durante séculos, estas foram renegadas para segundo plano, cabendo-lhe as atividades domésticas.<sup>30</sup>

No que concerne às mudanças a nível sexual, estas também acarretam nos homens um novo viver, uma nova maneira de estar na vida. Antigamente o prazer do homem era importante e superior ao da mulher. Agora muitas mulheres também o exigem e procuram, ou seja, ambos devem ter prazer numa relação sexual, procurando sempre o bem-estar do outro. Pode-se referir que surge uma nova forma de encarar e viver a educação sexual, ou seja, a educação sexual ajuda o Homem a “determinar a plena recuperação da identidade pessoal. Por outras palavras, trata-se de favorecer a integração da sexualidade na totalidade da pessoa.”<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> ALMEIDA, Filipe “Identidade no masculino”, in Cadernos de Bioética, nº22, Edição CEB, Coimbra, 2000, 36-37

<sup>29</sup> ALMEIDA, Filipe, “Identidade no masculino” in Cadernos de Bioética, nº22, Edição CEB, Coimbra, 2000, 37 “a industrialização da sociedade, pelos meados do século XIX, trouxe-lhe novas características. Os homens passaram a trabalhar o dia fora de casa, nas fábricas, nas minas, no escritório. (...) A mulher mãe dona de casa, opõe-se o homem trabalhador, ganha-pão. (...) Quanto mais se avança no século mais as mães são vistas como se fossem providencialmente dotadas de todas as qualidades necessárias para criar os filhos dos dois sexos. Com a força do poder da gestação, a mulher reina sobre o lar, educa os filhos e encarna a lei moral que define os bons costumes. O homem fica com a produção e a política”

<sup>30</sup> GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª Edição, 2000, 220-222

<sup>31</sup> PIANA, Giannino, “Educação sexual”, Dicionário de Bioética, dir. S. Leone e S. Privitera e Jorge Teixeira da Cunha, EPS, 364

## **4– Sexualidade**

A sexualidade é um assunto complexo e para a compreender é necessário abordar vários pontos de vista. É importante que este assunto seja mais abordado de uma forma mais educativa e ética, pois há necessidade de transmitir aos alunos que a sexualidade não se resume ao ato sexual, mas que engloba toda a pessoa humana. Por isso, a partir daqui, aprofundar-se-ão alguns dados anteriormente abordados.

### **4.1– O que é a sexualidade?**

A sexualidade é uma componente fundamental da personalidade, é um modo de ser, sentir e comunicar, abrangendo toda a totalidade da pessoa. O seu conceito “(do Lat. *sexus* = sexo) designa diversos estados de coisas estreitamente conexos”<sup>32</sup>, isto é, “a sexualidade tanto é parte integrante da identidade desenvolvida e da satisfação individual como também forma de estreita vinculação social e intensa comunicação.”<sup>33</sup>

Segundo a Organização Mundial de Saúde, “a sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade. Manifesta-se no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual. Ela influencia os nossos sentimentos, ações e interações e contribui para a nossa saúde física e mental.”<sup>34</sup> O ser humano, desde que nasce, tem a sua sexualidade e esta vai-se construindo ao longo da sua vida. Ser-se masculino ou feminino são, já, características genéticas, que se possuem ao nascer e se vão desenvolvendo, formando, assim, a personalidade de cada um. “Sexualidade é um aspeto central do ser humano durante a vida. Abrange sexo, identidade e papéis do género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experienciada e expressada em: pensamentos, fantasias, desejos, opiniões, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Quando a sexualidade inclui essas dimensões ela pode ser experienciada e expressada. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, cultural, éticos, legais,

---

<sup>32</sup> BLANK, Josef, “Sexualidade/ética sexual”, Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, dir. Peter Eicher, São Paulo, Paulus, 1993, 823

<sup>33</sup> BLANK, Josef, “Sexualidade/ética sexual”, Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, dir. Peter Eicher, São Paulo, Paulus, 1993, 823

<sup>34</sup> In “Livres para amar”, SNEC, Lisboa, 2009, 28

históricos e religiosos e espirituais”<sup>35</sup>, isto é, a sexualidade deve ser parte integrante da totalidade da pessoa, para a ajudar a “crescer na comunicação com o outro e a viver o encontro, como dom de si”<sup>36</sup>. A sexualidade é o núcleo íntimo de cada pessoa, isto é, o ser humano não pode ser visto como um objeto, como uma realidade física, mas deve ser visto como um todo: ser biológico, social, intelectual, porque a sexualidade impregna todas as faculdades e atividades pessoais, caracteriza o eu como indivíduo singular e abrange todas as dimensões da pessoa, atravessando toda a sua história, desde o seu nascimento até à sua morte.

Relativamente aos traços biológicos, podem-se incluir neles as diferenças físicas entre o homem e a mulher, isto é, o sexo e tudo que se relaciona com ele na sua dimensão fisiológica (a forma, a maneira como o ser humano vive as suas experiências sexuais: segundo Giddens os homens valorizam mais o ato sexual e as mulheres preocupam-se mais em proteger a herança biológica, isto é, desde que a mulher engravida há uma forte relação com o bebé. A mãe entrega-se aos cuidados com a criança e “estes cuidados primários (...) bem como a dinâmica interpessoal, é tipicamente feminina.”<sup>37</sup>). Claro que este cenário sofre alterações ao longo dos tempos e hoje em dia verifica-se que tanto os homens como as mulheres encaram o sexo, não só como um ato reprodutor em si, mas como um ato natural e prazeroso.

#### **4.2 – O contacto com o outro**

No que concerne à dimensão social, a sexualidade manifesta-se no contacto com o outro e na abertura aos outros e ao mundo. “A sexualidade afeta todos os aspetos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar e à aptidão de criar laços de comunhão com outrem” (CIC, 2332) Por tudo aquilo que já foi dito, a sexualidade não pode ser reduzida aos traços biológicos, tem de se ter atenção às influências sociais, ao contacto e ao convívio com o outro.

Relativamente às influências sociais, a sexualidade sofre as suas alterações e o ser humano vive-as de acordo com as suas experiências vitais. Essas vivências, esses

---

<sup>35</sup> In <http://www.kamasutra.blog.br/2007/08/15/definicao-de-sexo-e-sexualidade-was/> (consultado a 10 de Setembro de 2010)

<sup>36</sup> PIANA, Giannino, “Educação sexual”, Dicionário de Bioética, dir. S. Leone e S. Privitera e Jorge Teixeira da Cunha, EPS, 364

<sup>37</sup> KEATING, Maria, “Identidade no Feminino”, in Cadernos de Bioética, nº22, Edição CEB, Coimbra, 2000, 25

costumes vão variando de sociedade para sociedade. Antigamente, os assuntos referentes à sexualidade não eram debatidos de forma tão aberta como são hoje. “A experiência sexual própria do Homem do nosso tempo está marcada pela presença simultânea de atitudes no fundo opostas, que condicionam profundamente o comportamento. (...) por um lado, continua a existir uma percepção de uma sexualidade de caráter tabuístico herdada do passado, por outro, vai-se difundindo uma concepção de caráter permissivo própria da cultura predominante.”<sup>38</sup> Segundo alguns autores, as pessoas que participavam em atividades sexuais, ainda que sujeitas à condenação pública, dissimulavam-nas, não percebendo que outros também se dedicavam a práticas semelhantes. Um outro exemplo está diretamente relacionado com o prazer da mulher numa prática sexual. “No campo das relações sexuais, cabia ao homem, e somente a ele, a iniciativa de "possuir" a mulher e de somente ele ter prazer.”<sup>39</sup> Outrora, este prazer não tinha qualquer importância num ato sexual, porque a principal função da mulher era gerar novas vidas. Hoje, em muitas sociedades, o prazer numa relação sexual é tão importante para o homem como para a mulher. O comportamento sexual mudou muito e trouxe consigo outras formas de “viver a sexualidade”. Giddens diz que “em todas as sociedades, a maioria das pessoas são heterossexuais – procuram pessoas de outro sexo para parceiros de relações emocionais e prazer sexual”. Para ele “a heterossexualidade é, em qualquer sociedade, a base do casamento e da família.” De acordo com Vasco Pinto Magalhães, a sexualidade dirige-se “à realização de um “nós”, e a realização do mundo. Acontece-me, posso fazê-la minha e até poderei, depois, negar-me ao “nós” e à conjugalidade – “sem que nada aconteça!...” mas a humanidade não pode renunciar-lhe porque ficaria sem futuro: pereceria.”<sup>40</sup> Qualquer relação humana está marcada pela presença da sexualidade que abre o “eu” não só ao “tu”, mas também ao “Nós”, assumindo sinais de caráter social. É nesta abertura, neste relacionamento que o homem procura a mulher para se relacionar com ela, pois, por natureza, o sexo oposto atrai, chama a atenção, leva à descoberta, à procura e ao encontro do outro.

O homem só se desenvolve quando convive com os outros, por isso, a “sexualidade é humana e humanizante quando vai do desejo à ternura, do prazer à

---

<sup>38</sup> PIANA, Giannino, “Sexualidade”, Dicionário de Bioética, dir. S. Leone e s. Privitera e Jorge Teixeira da Cunha EPS, 1021

<sup>39</sup> <http://www.editora-opcao.com.br/ada51.htm> (consultado a 10 Setembro de 2010)

<sup>40</sup> MAGALHÃES, Vasco Pinto, “Sexualidade, definição num contexto bioético” in Cadernos de Bioética, nº22, Edição CEB, Coimbra, 2000 ,49

comunhão. É relacional e cria relação<sup>41</sup> Pode-se dizer que a sexualidade é vivida, é experimentada, é formada para o outro através do corpo. Apesar do corpo estar repleto de sinais do sexo masculino e feminino, é ele que revela o homem e a mulher. Para Maria Manuel Fael, “masculino e feminino são duas formas de “ser um corpo” do mesmo ser humano criado à “imagem de Deus.”<sup>42</sup> Segundo autora “esta expressão reflete duas vertentes da mesma realidade – unidade e dualidade são simultaneamente inerentes ao ser humano – unidade que denota, acima de tudo, a identidade da natureza humana; dualidade que manifesta o que, na base desta identidade, constitui a masculinidade e feminilidade da criatura humana.”<sup>43</sup> Neste sentido, é importante que o homem procure no outro ser, no outro corpo diferente do dele algo que o complete, que una, que o complemento não só através de uma relação de amor, pois toda a “sexualidade humana só se desenvolve e entende pelo afeto – amor de que é expressão, mede-se ou avalia-se pela verdade do comunicado – recebido de que é linguagem e faz sentido pela vida e comunidade que gera.”<sup>44</sup>

## **Breve resumo da I parte**

Homem e mulher são dois seres diferentes. Estas diferenças estão presentes nas características físicas que cada sexo tem. No entanto, não se pode reduzir estas diferenças só ao sexo. O género é também um elemento a ter em conta, pois este engloba comportamentos apreendidos desde criança de acordo com a educação, sociedade e cultura onde estão inseridos.

Assim, a educação dada à mulher e ao homem é o resultado dos costumes adquiridos de acordo com o viver de cada sociedade, ou seja de acordo com a socialização de género. Esta socialização de género é vista como um processo pelo qual o ser humano passa e “aprende” a ser homem e a ser mulher através das influências familiares, sociais, educacionais e culturais. Todo este processo, também, contribui para realçar algumas desigualdades entre o homem e a mulher, pois eram atribuídos certas “tarefas” ao homem e à mulher que faziam realçar estas desigualdades. Por exemplo,

---

<sup>41</sup> MAGALHÃES, Vasco Pinto, “Sexualidade, definição num contexto bioético” in Cadernos de Bioética, nº22, Edição CEB, Coimbra, 2000, 48

<sup>42</sup> F AEL, Mª Manuel, “O corpo na construção do projecto de vida. Uma visão bioética da sexualidade, in Cadernos de Bioética, nº 27, Edição CEB, Coimbra, 2005, 99

<sup>43</sup> F AEL, Mª Manuel, “O corpo na construção do projeto de vida. Uma visão bioética da sexualidade, in Cadernos de Bioética, nº 27, Edição CEB, Coimbra, 2005, 99

<sup>44</sup> MAGALHÃES, Vasco Pinto, “Sexualidade, definição num contexto bioético” in Cadernos de Bioética, nº22, Edição CEB, Coimbra, 2000 pp 49

era inculcada à mulher a ideia de que esta era frágil, que dependia do homem, que o seu valor como mãe, esposa era considerado medíocre. Estes motivos foram suficientes para gerar violência no seio familiar. A mulher torna-se vítima de violência doméstica, é maltratada e muitas das vezes não se consegue libertar desta violência ou porque depende do homem, ou por vergonha em admitir que é vítima de tais atos, ou ainda por motivos religiosos. Qualquer que seja o motivo, ainda, hoje, se verifica tal violência.

No entanto, verifica-se que há modificações, ao longo dos tempos, com estes dois seres. A mulher deixa de estar só ligada aos afazeres do lar e passa a ter um trabalho remunerado, a trabalhar fora de casa e a lutar pelos mesmos lugares ocupados pelo homem, embora ainda não o tenha conseguido na totalidade. Por seu lado, o homem, aos poucos, vai aceitando a entrada da mulher no mundo do trabalho e percebendo que a sua colaboração nas lides domésticas também é importante e assim vai-se tornando uma “fada do lar”.

Estas transformações também se podem verificar a nível sexual. Quer o homem quer a mulher começam a aceitar e encarar a sua sexualidade como algo que abrange e engloba todas as dimensões da pessoa. Por isso é importante que a sexualidade de cada um seja aceite, respeitada e leve à abertura ao outro, ao relacionamento com o outro, pois é nesta procura de um pelo outro que ambos se complementam.

## II Parte

### 1 – Ser masculino e ser feminino: visão teológica.

Para aprofundar melhor esta visão teológica sobre o ser masculino e ser feminino, vão servir de base a este trabalho as duas passagens bíblicas do livro do Génesis. A primeira passagem (Gn 1, 1-2, 4a), através de uma linguagem profundamente religiosa, narra a história primitiva, ou as Origens, mas também a solenidade com que o ser humano (isto é a humanidade) é criado, manifestando, assim, que o homem é o vértice da criação e a “imagem” de Deus sobre a terra. O homem e a mulher surgem depois de todos as espécies de animais e plantas terem sido criados, realçando a importância destes dois seres sobre as outras criaturas. A segunda passagem (Gn 2, 4b-24), com uma linguagem mais popular, tenta responder a certas questões, por exemplo: como apareceu a Humanidade? Porque existe atração entre o homem e a mulher? Nestas duas passagens bíblicas, encontram-se dados suficientes para reconhecer a igualdade entre o homem e a mulher. Quando Deus cria a mulher, o homem deixa de estar só, pois encontra no ser feminino, alguém semelhante a ele.

#### 1.1 – “Ele os criou homem e mulher” (Gn 1, 27b-28)

Quando Deus criou o homem e a mulher, criou-os à sua imagem e semelhança. Desde logo surge a ideia de igualdade: a mesma imagem divina e a mesma missão na terra. “O homem (*ha’adam*), imagem única de Deus, criado por Deus em dois sexos – e só dois -, o macho (*zakar/’ish*) e a fêmea (*n qebah/’ishshah*), imagem única de Deus o macho, imagem única de Deus a fêmea, abençoados por Deus (*waybarek’otam*: pronome no plural) (Gn 1,28<sup>a</sup>), devem dominar (*radah*) e submeter (*kabash*) a terra e os seres criados (Gn 1,26b.28b)”<sup>45</sup> Na Carta Apostólica, MD, João Paulo II refere que a passagem bíblica “(Gn 2, 18-25) tem dados suficientes para reconhecer a igualdade do homem e da mulher do ponto de vista da humanidade. Por exemplo, na expressão, “esta é realmente ossos dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2, 23-24), reforça a ideia que a mulher e o homem têm a mesma natureza e o homem reconhece-a como o outro “eu” – o ser que o complementa.

---

<sup>45</sup> COUTO, António, “Como uma dádiva, caminhos de antropologia bíblica”, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2<sup>o</sup> edição, 2005,24

O relato da criação transmite a ideia de que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus. Ambos têm a mesma natureza e por este motivo conseguem estabelecer, entre eles, uma relação social.<sup>46</sup> Esta comunhão, esta relação, esta união, segundo João Paulo II, na sua carta apostólica MD, leva a que o homem e a mulher sejam chamados a existir um para o outro de uma forma recíproca, ajudando-se, apoiando-se e respeitando-se. É, portanto, necessário que o homem viva em comunhão, que esteja em contacto com outros seres humanos nomeadamente a mulher, pois se assim não for, pode ficar só. Este facto é referido e alertado por Deus em Gn 2, 18, “não é bom que o homem esteja só”. Através desta frase, Deus avisa-nos “para um problema gravíssimo que pode acarretar a morte do homem. Este perigo é a solidão, que consiste em o homem poder vir a ficar só no meio de objetos, que é o que acontece quando e se o homem se vier a tornar dono de tudo e de todos.”<sup>47</sup> A criação da mulher vem colmatar esta solidão em que o homem pode cair e é através da mulher que o homem vive uma relação de comunhão. Mas será que esta relação sempre foi assim? Será que o homem olhou sempre para a mulher com esta atitude?

## **1.2 – A mulher, uma auxiliar?**

“O Senhor Deus disse: não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele” (Gn. 2, 18-19). Através desta frase, percebe-se que a obra da criação ainda não está concluída, pois Adão necessita de um ser humano semelhante e diferente dele. Este novo ser tem de reunir em si estas duas características: semelhante e diferente, porque são elas que vão fazer da mulher o ser que complementa o homem. Este relato tem por objetivo demonstrar a igualdade do homem e da mulher. O homem é homem e só se torna ser masculino, em oposição à mulher. Só se pode falar em varão depois de ter sido criada a mulher. Esta igualdade adquire uma maior dimensão quando o homem reconhece que a mulher, criada por Deus, é carne da sua carne. “O homem e a mulher são feitos “um para o outro”: não é que Deus os tenha feito “a meias” e “incompletos”; criou-os para uma comunhão de pessoas, em que cada um pode ser “ajuda” para o outro, uma vez que são ao mesmo tempo, iguais enquanto

---

<sup>46</sup> “Deus, não criou o homem sozinho: desde o princípio criou-os “varão e mulher” (Gn. 1,27); e a sua união constitui a primeira forma de comunhão entre as pessoas. Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros.” (Gs,12).

<sup>47</sup> COUTO, António, “Como uma dádiva, caminhos de antropologia bíblica”, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2º edição, 2005,20

peçoas (“ossos dos meus ossos”) e complementares enquanto masculino e feminino” (CIC, 372).

Ainda nesta passagem, Gn 2,18), surge a palavra auxiliar. Auxiliar não significa que a mulher era inferior ao homem ou que tinha um papel menos importante, ou que foi criada para satisfazer as necessidades do homem. Neste contexto concreto, auxiliar significa alguém que completa o outro, que o ajuda. Por exemplo, quando Deus criou o homem e o chamou para que este atribuísse os nomes aos outros seres vivos, Adão percebeu que não existia nenhuma “auxiliar semelhante a ele” (Gn 2, 18-20).

Para melhor compreender esta ideia de auxiliar é preciso entender a passagem bíblica Gn 2, 19. Nesta passagem, Deus “modelou (*yatsar*) os animais a partir do solo (*mîn-ha’adamah*), e conduziu (*wayyabe’*: *hiphil de bo’*) – sem nome nem pronome – ao homem (*ha’adam*) para este lhes dar um nome. Não para falar com eles. O homem (*ha’aadam*) deu nomes a todos os animais (Gn 2,20a), mas para um ser humano (*l’adam*), isto é, para si mesmo, não encontrou – diz-nos o narrador – o auxílio (*‘ezer*) a ele correspondente (*kenegdô*). Dando nome aos animais, o homem (*ha’adam*) recusa identificar-se com uma espécie animal. Dar nome significa, para quem nomeia, distinguir-se daquilo que nomeia. Perante os animais que nomeia, o homem (*ha’adam*) não se revê em nenhum deles, mas reconhece-se diferente deles, um ser humano”.<sup>48</sup> O homem (*ha’adam*) compreendeu que todos os outros animais tinham a função de o servir. Só quando Deus cria a mulher, Eva,<sup>49</sup> e a apresenta a Adão, este reconhece-a como um ser humano capaz de o complementar. Este momento torna-se mais significativo quando Adão saúda a mulher com a seguinte expressão: “esta vez, sim (*zo’thapa’am*) – osso dos meus ossos e carne da minha carne – esta (*zo’t*) será chamada ‘ishshah, porque de *‘ish* foi tomada esta (*zo’t*)” (Gn 2,23)”<sup>50</sup> Com esta expressão, o homem utiliza, pela primeira vez, a linguagem depois do aparecimento da mulher. É esta linguagem, a palavra, a comunicação que une estes dois seres, da mesma forma que une o homem a Deus, ao seu Criador. O uso da palavra implica sempre uma outra

---

<sup>48</sup> COUTO, António, “Pentateuco: caminho da vida agraciada”, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2º Edição, 2005, 240

<sup>49</sup> COUTO, António, “Pentateuco: caminho da vida agraciada”, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2º Edição, 2005, 240-241 É só agora, após este distanciamento do mundo animal por parte do homem (*ha’adam*), que Deus dá início ao seu projeto já enunciado em Gn 2,18b. Faz cair um sono ritual (*tardemah*) sobre o homem, e de um dos seus lados (*tsele*) construiu (*banah*) uma mulher (*‘ishshah*), e conduziu-a enfaticamente (*waybi’eha*) ao homem (*ha’adam*) (Gn 2,21-22).

<sup>50</sup> COUTO, António, “Pentateuco: caminho da vida agraciada”, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2º Edição, 2005, 242

pessoa, pois só se pode comunicar com um ser na mesma natureza, da mesma dignidade.

No entanto, se nesta passagem, Gn 2, 18, há referência<sup>51</sup> à mulher que deve ser subordinada ao homem, ela está presente na expulsão dos dois do paraíso, imposta como castigo. Por não querer assumir responsabilidades pelos seus atos, o homem refere que foi a mulher que o seduziu e o levou a fazer o que era proibido. Por este motivo, a mulher passa a ser dominada pelo homem, pois foi ela que teve a iniciativa e tentou o homem a realizar algo que lhe fora proibido. Devido a este facto, a história conhece inúmeras situações de abuso do homem para com a mulher, pois julgou-a como sendo sua propriedade, como um objeto ao seu dispor. Esta mensagem deturpada da passagem bíblica, veio a ter consequências muito graves quer a nível social quer mesmo para a própria Igreja. Ao partir-se da ideia errada que a mulher era inferior ao homem coloca-o como o “cabeça da família” e a mulher como um ser ligado à maternidade, à casa, tendo um papel passivo na sociedade.

Através de uma análise mais pormenorizada sobre algumas mulheres referidas na Bíblia, constata-se que a mulher é importante e tem um lugar de destaque na história do seu tempo. Ao longo dos vários textos bíblicos verifica-se que a mulher tem um papel fundamental na história da salvação. É através de uma mulher que Deus se fez homem para salvar a humanidade. Maria, mãe de Jesus, é uma figura fundamental na história da salvação. “Assim a “plenitude dos tempos” manifesta a extraordinária dignidade da “mulher”. Esta dignidade consiste, por um lado, na elevação sobrenatural à união com Deus, em Jesus Cristo, que determina a profundíssima finalidade da existência de todo o homem, tanto na terra como na eternidade. Deste ponto de vista, a “mulher” é o representante e o arquétipo de todo o género humano: representa a humanidade que pertence a todos os seres humanos, quer homens quer mulheres.” (MD, 4) Maria, escolhida por Deus, tem a missão de servir o Senhor (Lc 1,38). João Paulo II na sua carta apostólica, MD, afirma que “servir quer dizer reinar”. Servir não reflete inferioridade, nem coloca em causa a dignidade da pessoa, bem pelo contrário, servir significa estar à disposição, ao serviço. “É precisamente este serviço que constitui o fundamento próprio do Reino, no qual “servir... quer dizer reinar” (MD, 5)

Jesus Cristo apresenta uma nova forma, uma nova maneira, uma nova atitude de olhar a mulher que a dignificou aos olhos dos homens que não as respeitavam. O Filho

---

<sup>51</sup> KORFF, Wilhelm, “Mujer-hombre” Dicionário de conceitos teológicos, dir. Peter Eicher, Herder, Barcelona, Vol. II., 1990, 120-124

de Deus fala com as mulheres, mesmo com aquelas que eram discriminadas pelos homens do seu tempo, mesmo com aquelas que eram maltratadas e vistas como escravas. “Em todo o ensinamento de Jesus, como também no seu comportamento, não se encontra nada que denote a discriminação, própria do seu tempo, da mulher. Ao contrário, as suas palavras e as suas obras exprimem sempre o respeito e a honra devidos à mulher (...). Este modo de falar às mulheres e sobre elas, assim como o modo de tratá-las constitui uma clara “novidade” em relação aos costumes dominantes do tempo” (MD, 13). Jesus vê nas mulheres pessoas dignas, com grandes capacidades de servir a Deus, de amar incondicionalmente e de serem, em grande parte, exemplos para a conversão dos outros. Por exemplo, Maria Madalena, depois de ter sido libertada dos sete demónios, “passa a seguir e a servir Jesus de forma continuada”<sup>52</sup>. É ela que também se encontra junto à cruz, que vai ao sepulcro na madrugada de Domingo, que anuncia aos discípulos que Jesus Cristo tinha ressuscitado. A mulher de Samaria (Jo 4, 1-42), que tinha tido vários maridos, trava um diálogo com Jesus. Deste diálogo há uma mudança de vida, um novo testemunhar que a leva a anunciar a experiência vivida. A mulher adúltera (Jo 8, 1-11) apanhada a cometer adultério é levada a Jesus para Este a castigar de acordo com a lei de Moisés. No entanto, o Filho de Deus surpreende tudo e todos quando lhe perdoa os pecados e a deixa ir sem castigo. Ao longo dos Evangelhos surgem várias alusões aos encontros que Jesus tinha com as mulheres. “Às vezes as mulheres, que Jesus encontrava e que dele recebiam tantas graças, o acompanhavam, enquanto com os apóstolos peregrinava pelas cidades e aldeias, anunciando o Evangelho do Reino de Deus; e elas “os assistiam com os seus bens.” (MD, 13)

Verifica-se, então, pelo referido anteriormente, que a mulher não é inferior ao homem, que a mulher não é menos digna que o homem bem pelo contrário. Através do olhar que Jesus<sup>53</sup> dá às mulheres, conclui-se que elas são a base fundamental de todo o anúncio do reino, de toda a disponibilidade ao serviço de Deus e dos homens. Assim, não se pode interpretar a palavra “auxiliar” como escrava, como alguém inferior, como alguém que pode ser manipulado, ou até mesmo maltratado, mas entendê-la como alguém que está ao serviço, que se coloca à disposição da outra pessoa através de um amor incondicional. É evidente que existem diferenças entre o homem e a mulher, mas essas diferenças não podem levar à inferioridade de um, nem à superioridade de outro,

---

<sup>52</sup> COUTO, António, “Como uma dádiva, caminhos de antropologia bíblica, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2º edição, 2005,249

<sup>53</sup> COUTO, António, “Como uma dádiva, caminhos de antropologia bíblica, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2º edição, 269

pois ambos foram criados por Deus para cuidarem um do outro e ambos cuidarem e mostrarem responsabilidade pela obra de criação

### 3 – Homem e mulher complementam-se

Homem e mulher são seres em relação um com o outro, desenvolvem entre si uma relação interpessoal. “Esta relação ontológica, pela qual o eu é constituído por uma relação com o tu, e, no qual, o tu se descobre como tal, precisamente em relação a um eu relacionado e independente de si. Portanto, a relação entre o eu e tu não é algo de extrínseco ou de supérfluo à pessoa, mas é um espaço ideal criado pelo vínculo interpessoal,”<sup>54</sup> Estes dois seres tão diferentes, acabam por se completar, porque o que não existe num é colmatado pelo outro, numa relação de afeto, compreensão, de amor e doação. “É importante explicar bem que a exigência de se dar, que leva o homem ao desejo de encontrar a mulher, não é um movimento simples. Na verdade, tendo sido criada à imagem de Deus - cuja lei do agir é o amor como dom e que existe como comunhão de Pessoa -, a pessoa humana orienta sempre o seu amor não para uma pura alienação de si, um altruísmo exagerado que esvazia de personalidade o amante, mas para a comunhão, onde quem ama e quem é amado se enriquecem mutuamente. A pessoa humana, o indivíduo, não se realiza senão na experiência de comunhão, na unidade dum amor recíproco.”<sup>55</sup>

#### 3.1 – O que é o amor?

Etimologicamente, a palavra amor vem do latim (*amor, oris*): amizade, dedicação, afeição, ternura, desejo grande, paixão. “O amor pode ser uma forma de interação psicológica entre duas pessoas, por afinidade ou não. Forte afeição por outra pessoa, relação amorosa.”<sup>56</sup> Nos textos bíblicos, encontram-se vários termos para designar a palavra amor. Em Hebraico, usam-se vários vocábulos: *Ahab-ahaba* – *amor-amor*, usado particularmente a propósito da relação conjugal. *Hesed* – magnanimidade; *Rahamim* – *carinho*. Na língua grega são usados três verbos: *Eran*: amor possessivo;

---

<sup>54</sup>PIANA, Giannino, “Pessoa em bioética”, Dicionário de Teologia Moral, dir. F. Compagnoni – G. Piana – S. Privitera – M. Vidal, Paulus, São Paulo 1997, 840

<sup>55</sup> <http://www.diocesedeoimbra.pt/sdpfamiliar/teologiadocorpoPeDuarte.htm> (consultado a 30 de Julho 2010)

<sup>56</sup>Dicionário eletrónico de Língua Portuguesa 2a, Houaiss, Abril 2007

*Philein*: amor desinteressado e *Agapan*: apego conjugal.<sup>57</sup> “A palavra amor designa, com efeito, muitas realidades diferentes, carnis e espirituais, passionais ou refletidas, graves ou ligeiras, libertadores ou destruidoras. Ama-se uma coisa agradável, um animal, um companheiro de trabalho, um amigo, pais, filhos, uma mulher.”<sup>58</sup> Verifica-se que a palavra amor é utilizada para várias realidades e todas elas diferentes umas das outras. Será que o amor se tornou banal? Será que o amor significa posse, poder exercido para com a outra pessoa? “O Concílio disse que Deus criou os homens por si mesmo, o que significa que os criou como destinatários do Seu amor, porque eles estavam dotados do espírito que experimenta a liberdade e pode acolher o amor. Por isso, deve-se, também, distinguir o amor que uma pessoa pode ter por uma coisa, que se expressa sempre no desejo de a alcançar, e o amor que se tem por uma pessoa, que não pode ser reduzida a coisa a possuir, já que vale em si mesma e, por isso, deve ser amada como destino e nunca como meio.”<sup>59</sup>

Há duas formas distintas de viver o amor: o amor que se tem pelas “coisas”, pelos objetos que preenchem o mundo e que levam a possuí-los (materialismos) e o amor que se tem pelos outros seres humanos (espiritual). “Na origem de cada um de nós está, como já vimos, a iniciativa de um Outro. Somos filhos, e só a partir desta certeza sabemos quem verdadeiramente somos: um dom do Criador. A única razão que explica tudo é o facto de Deus criar por amor. Mas também é verdade que na origem de cada um de nós, de acordo com o plano de Deus, está a comunhão dos pais que, no ato conjugal, se entregam e acolhem reciprocamente a ponto de serem uma só carne. Podemos pois dizer que a fecundidade do amor conjugal é o meio pelo qual o amor de Deus nos cria.”<sup>60</sup>

### 3.2 – O amor conjugal

Este amor conjugal é referido na bíblia através da seguinte passagem: “Por isso (*al-ken*), o homem (*ish*) deixará o seu pai e a sua mãe, e se unirá amorosamente

---

<sup>57</sup> Monloubou, L e Buit, F.M. du, “Amor”, Dicionário Bíblico Universal, Petrópolis, 1997, 29

<sup>58</sup> Léon-Dufour, Xavier, Duplacy, Jean, “Amor” Vocabulário de Teologia Bíblica, Editora Vozes, Petrópolis, 1999, 45

<sup>59</sup> <http://www.diocesedeoimbra.pt/sdpfamiliar/teologiadocorpoPeDuarte.htm> consultado a 30 de Novembro de 2010

<sup>60</sup> <http://www.diocesedeoimbra.pt/sdpfamiliar/teologiadocorpoPeDuarte.htm>, consultado a 30 de Novembro de 2010

(*dabaq be*) à sua mulher (*ishshah*), e serão [os dois] uma só carne.” (Gn2,24)<sup>61</sup> Ambos são convidados a deixar o amor dos pais para se unirem um ao outro, num amor mais forte. “ O amor conjugal comporta um todo em que entram todas as componentes da pessoa – apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade - ; visa uma unidade profundamente pessoal – aquela que, para além da união numa só carne, conduz à formação dum só coração e duma só alma; exige a indissolubilidade e a fidelidade na doação recíproca definitiva; e abre-se para a fecundidade.” (FC, 13). Todo o homem e mulher só se realizam numa relação de amor. Este amor significa entrega, disponibilidade, compreensão, abertura ao outro. Este amor entre estes dois seres compara-se ao amor que Deus tem com o seu povo.

Na Bíblia, Deus é apresentado como um Pai que ama e protege os seus filhos e que ama o Seu Filho Jesus Cristo. O Pai só se torna Pai na presença de um filho que gera. É o filho gerado, que atribui ao Pai a paternidade, mas o filho só existe através do pai. Um não pode existir sem o outro. No entanto, nesta paternidade surgem traços de maternidade, de ternura, de carinho, de amor... características bem presentes na relação Mãe-Filho. Existem muitas passagens bíblicas que indicam que “Deus é para nós como um pai (*ke’ab/ hōs pater*) que tem ternura, sustenta, repreende e corrige o seu filho ( Sl 103,13; Jb 31,18; Pr 3,12; Sb 11,10), ou como uma mãe (*em/ mêtêr*) que consola um filho (Is 66,13), (...) muito mais do que um pai ou do que uma mãe (Sl 27,10; Is 49,15) no que diz respeito ao amor, à ternura, ao carinho, à misericórdia (compaixão), à graça. à premura educativa, à afeição paternal-maternal no seu conjunto”<sup>62</sup>.

Neste sentido, Deus reúne em si um amor Paterno-Materno. “A maternidade de Javé é de tal forma forte que não vacila, é divina: “pode uma mulher esquecer o seu filho e não ter compaixão do fruto das suas entranhas? Mesmo que isso aconteça, Eu não te esquecerei” (Is 49,15). Mas a Sua justiça é simultaneamente a de uma mãe irada com os seus filhos. É o próprio Deus que educa e adverte pelo grito: “gritarei como aquela que está para dar à luz” (Is 42,14), porque as mães também educam.”<sup>63</sup>

A relação Pai-Mãe-Filho transmite um amor verdadeiro, capaz de lutar pelo filho, amá-lo, educá-lo. Também é assim o amor de Deus pelo Seu povo e também deve ser a relação entre homem e mulher. Todo o ser humano é chamado a viver um amor

---

<sup>61</sup> COUTO, António, “Pentateuco: caminho da vida agraciada”, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2ª Edição, 2005, 240

<sup>62</sup> COUTO, António, “Como uma dádiva, caminhos de antropologia bíblica, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2ª edição, 2005, 144-145

<sup>63</sup> CARVALHO, José Carlos, “A mulher nova na sagrada escritura, uma perspetiva para o século XXI do feminino bíblico de Deus,” Estudos Teológicos 12, 2008, 45

superior<sup>64</sup>, que se reflete num amor oblato, num amor amigo, num amor capaz de amar as pessoas como elas são. Este tipo de amor assemelha-se ao amor que Deus tem pelo ser humano. Um amor altruísta, sincero, verdadeiro, capaz de se dar, de se abrir ao outro, de ir ao encontro do outro, de se relacionar com o outro. O livro Cântico dos Cânticos salienta e descreve a relação amorosa entre homem e mulher. Este amor engloba as várias dimensões: espiritual, física, íntima. Numa das suas muitas obras, “Amor e responsabilidade”, João Paulo II afirma que “é necessário aqui sublinhar que o amor é a realização mais completa das possibilidades do ser humano. É a atualização máxima da potencialidade intrínseca da pessoa. Esta encontra no amor a maior plenitude do próprio ser, da própria existência objetiva. O amor é o ato que realiza do modo mais completo a existência da pessoa”.<sup>65</sup>

A relação esponsal entre o homem e a mulher será tanto mais fiel quanto mais se assemelhar à aliança entre o povo de Israel e Deus. Quando Deus escolheu o seu povo, nunca os abandonou, esteve sempre presente. Este reforço de fidelidade é salientado em todo o Antigo Testamento pelos profetas, comparando-a muitas vezes com o casamento. Da mesma forma que Deus ama o seu povo, também o homem deve amar a mulher. “Os livros de Rute e de Tobias são testemunhos comoventes do elevado sentido do matrimónio, da fidelidade e da ternura dos esposos. E a Tradição viu sempre no Cântico dos Cânticos uma expressão única do amor humano, puro reflexo do amor de Deus, amor “forte como a morte”, que “torrentes de água não conseguem apagar.” (CIC, 1611)

É desta forma que os casais vivem o seu amor conjugal: unidos pelo amor e no amor, respeitando a dignidade um do outro e serem fieis um ao outro. “Este amor tem a sua expressão e realização peculiar no ato próprio do matrimónio. São, portanto, honestos e dignos os atos pelos quais os esposos se unem em intimidade e pureza; realizados de modo autenticamente humano, exprimem e alimentam a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro na alegria e gratidão. Esse amor, ratificado pela promessa de ambos e, sobretudo, sancionado pelo sacramento de Cristo, é indissolúvelmente fiel, de corpo e de espírito, na prosperidade e na adversidade; exclui, por isso, toda e qualquer espécie de adultério e divórcio. A unidade do matrimónio, confirmada pelo Senhor, manifesta-se também claramente na igual dignidade da mulher e do homem que se deve reconhecer no mútuo e pleno amor.” (GS, 49) Através do

---

<sup>64</sup> Conselho Pontifício para a Família, Sexualidade humana: verdade e significado, Editorial A. O. Braga, 1996, 12-13

<sup>65</sup> WOJTYLA, Karol, Amor e responsabilidade, Edições Loyola, 1ª Edição, 1982

matrimónio constituírem uma nova família, sem nunca esquecerem que “ na sua realidade mais profunda, o amor é essencialmente dom e o amor conjugal, enquanto conduz os esposos ao “conhecimento” recíproco...não se esgota no interior do próprio casal, já que os habilita para a máxima doação possível, pela qual se tornam cooperadores com Deus no dom da vida a uma nova pessoa humana. Deste modo os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe.” (FC, 14) Quando no matrimónio o casal se dá de uma forma livre, consciente e na totalidade, surge a família: o marido e a esposa tornam-se pai e mãe gerando uma nova vida, constituindo a sua família

#### **4 – A família**

A família é considerada a instituição social básica a partir da qual as outras se desenvolvem. Na Carta às Famílias, João Paulo II afirma que “a família foi sempre considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem (...) é uma comunidade de pessoas para quem o modo próprio de existirem e viverem juntas é a comunhão: comunhão de pessoas.”<sup>66</sup>. Este facto já estava presente no relato da criação quando se afirma que o “homem deixará pai e mãe, para se unir à sua mulher e os dois serão uma só carne” (Gn 2, 24). Nesta frase já há indícios de uma união livre e consciente: o homem deixa pai e mãe para se unir a uma mulher que escolheu para formar uma nova família. A liberdade dada ao homem desde a criação, permite-lhe optar, permite-lhe escolher a mulher com quem quer formar uma nova prole, com quem quer casar e naturalmente ter filhos, educando-os à luz dos valores cristãos.

É da responsabilidade dos pais e mães educarem e transmitirem aos filhos regras, valores, atitudes com base no mandamento do amor que Jesus Cristo ensinou: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12) Todos os valores transmitidos na educação dos filhos são importantes para a comunhão familiar. No entanto, esta comunhão só é possível se for “conservada e aperfeiçoada através de um esforço quotidiano de todos os membros da família. Exige, de facto, de todos e de cada um, a generosidade, a disponibilidade para partilhar, a compreensão, a tolerância, o perdão, a contínua abertura à reconciliação, à solidariedade na ajuda mútua, a fidelidade às pessoas e ao projeto comum, o respeito pela vida e pela dignidade de cada elemento que

---

<sup>66</sup> Carta às famílias, 7

integra a comunidade familiar, a intimidade construída na ternura e na doação.”<sup>67</sup> Este conjunto de princípios ajuda ao bem-estar da pessoa, contribuindo para um equilíbrio saudável, feliz, alegre, onde a pessoa encontra uma maior estabilidade emocional e sente-se mais realizada. Para que tal se verifique é necessário haver um esforço de todos os membros da família, principalmente do pai e da mãe, pois só assim, a família se torna uma escola de valores. <sup>68</sup>

## **Breve resumo da II parte**

Na perspectiva bíblica, a criação do homem e da mulher são fundamentais para realçar a igualdade e a mesma natureza destes dois seres. As passagens bíblicas (Gn 1, 1-2,4a; Gn 2, 4b-24) reforçam a ideia de que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus e como tal são dois seres que se relacionam entre si, que vivem um para o outro numa relação de união, de amor e respeito.

Quando Deus criou os animais (Gn 2,19) o homem não reconheceu em nenhum deles um ser semelhante a ele, capaz de o completar, capaz de estabelecer qualquer relação. O homem atribui o nome aos animais, mas sente-se só. Deus dá-lhe, então, uma auxiliar. Uma mulher: diferente dele, mas com a mesma natureza, diferente dele mas criada à imagem e semelhança de Deus. Quando a mulher é colocada diante do homem, este reconhece nela um ser que o completa, que pode estabelecer uma relação, que pode comunicar.

---

<sup>67</sup> Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, “A Família, esperança da Igreja e do mundo, 2004, 9

<sup>68</sup> “A família é como que uma escola de valorização humana. Para que esteja em condições de alcançar a plenitude da sua vida e missão, exige, porém, a benévola comunhão de almas e o comum acordo dos esposos, e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos. A presença ativa do pai contribui poderosamente para a formação destes; mas é preciso assegurar também a assistência ao lar por parte da mãe, da qual os filhos, sobretudo os mais pequenos, têm tanta necessidade; sem descuidar, aliás, a legítima promoção social da mulher. Os filhos sejam educados de tal modo que, chegados à idade adulta, sejam capazes de seguir com inteira responsabilidade a sua vocação, incluindo a sagrada, e escolher um estado de vida; e, se casarem, possam constituir uma família própria, em condições morais, sociais e económicas favoráveis. Compete aos pais ou tutores guiar os jovens na constituição da família com prudentes conselhos que eles devem ouvir de bom grado; mas evitem cuidadosamente forçá-los, direta ou indiretamente, a casar-se ou a escolher o cônjuge. A família - na qual se congregam as diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social - constitui assim o fundamento da sociedade.” (GS, 52)

A Bíblia diz que Deus criou uma auxiliar para o homem. A palavra auxiliar pode levar a interpretações pejorativas. No entanto, auxiliar significa alguém que ajuda, que está disponível, que está ao serviço do outro. Esta ideia está bem presente ao longo de toda a Bíblia. É por uma mulher, Maria, pela sua disponibilidade, capacidade de servir e amar, que Deus se torna homem em Jesus Cristo. Com a presença de Jesus na terra surge uma nova visão sobre a mulher. À medida que Jesus entra na vida das mulheres há uma transformação na sua forma de ser e estar que as leva a mudar de vida e anunciar aos outros a mensagem evangélica, as leva a colocá-las ao serviço do reino de Deus e dos outros. Assim, a palavra auxiliar, através desta visão de Jesus ganha um novo alento, uma nova perspectiva, pois está sempre associada à ideia de alguém que se disponibiliza ao serviço do outro, sem se tornar inferior, pois servir é sinal de amor.

É por este motivo que o homem e a mulher auxiliam-se um ao outro, ou seja, colocar-se ao serviço um do outro sem nunca se inferiorizarem mas sempre com intuito de se completarem numa relação de amor, compreensão e afeto. Este amor assemelha-se ao amor que Deus tem pelo seu povo. Amor altruísta, capaz de amar na sua plenitude e com todo o seu ser. Assim o “homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá amorosamente à sua mulher e serão uma só carne” (Gn 2,24). Deixar o pai e mãe significa que o sentimento pela outra pessoa dá lugar a um amor mais forte, coeso, capaz de se unir a outra pessoa para constituírem uma família. Esta relação esponsal deve ser reflexo da fidelidade que Deus tem para com o seu povo, que nunca o abandonou, demonstrando assim um amor Paterno-materno para com o seu povo eleito.

### III parte

#### 1 – Análise da UL3: “A adolescência e os afetos”

Nesta última parte do trabalho irá proceder-se à análise da planificação UL3 do sétimo ano de escolaridade cujo tema é “A adolescência e os afetos.” Esta planificação surgiu na sequência da realização da prática supervisionada à disciplina de EMRC, no ano letivo de 2008/2009, fez parte do dossier de estágio e foi elaborada por este núcleo seguindo as indicações do metodólogo e da orientadora de estágio.

*“O programa de Educação Moral e Religiosa Católica possui os seguintes elementos fundamentais: i) Competências específicas; ii) Propostas de experiências de aprendizagem; iii) Distribuição das unidades letivas por anos de escolaridade ou ciclos; iv) Operacionalização de competências para cada unidade letiva; V) conteúdos programáticos; vi) Relação com outras áreas curriculares ou disciplinas; vii) Orientações sobre a avaliação.”*<sup>69</sup>

Antes de se proceder à planificação desta unidade letiva, foi necessário elaborar uma planificação anual, *“que é essencial para que o professor possa conhecer o modo como vai organizar o programa”*<sup>70</sup>. Organizou-se e distribui-se *“de forma equilibrada os objetivos, competências e unidade letivas pelo conjunto de aulas disponíveis”*<sup>71</sup>. Neste sentido, a UL 3 foi incluída no primeiro período, sendo atribuídas oito aulas, delineando os objetivos gerais, os conceitos organizadores referentes a cada objetivo, foram ainda referidos os conteúdos cognitivos, procedimentais e atitudinais, as metodologias utilizadas, bem como a avaliação. Toda esta planificação foi trabalhada atendendo às competências específicas, bem como à operacionalização das competências e conteúdos inseridos no novo programa de E.M.R.C.

Para melhor planificar esta unidade, de forma a que esta se adegue ao público-alvo, foi realizada uma apreciação aos alunos para que as estratégias utilizadas fossem as mais adequadas aos alunos, pois, *“uma boa gestão do programa requer uma*

---

<sup>69</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 17

<sup>70</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 21

<sup>71</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 21

*adequação equilibrada e eficaz das competências e saberes selecionados ao grupo de alunos específicos – destinatários da ação educativa.*”<sup>72</sup>

## **2 – Desenvolvimento**

*“Planificar é um processo de previsão que existe para melhor organizar o processo de ensino-aprendizagem”*<sup>73</sup>. Planificar é árduo, porque exige precisão e para que tal aconteça é necessário escolher muito bem o “caminho” certo. Por isso é necessário que uma planificação contenha as competências a atingir, os objetivos a alcançar, bem como os recursos didáticos e os métodos a utilizar. *“Não é possível planificar sem pensar em objetivos, conteúdos, atividades, recursos/materiais e avaliação”*.<sup>74</sup> Foi este processo que foi sendo feito ao longo desta planificação da UL 3.

### **2.1 - Objetivos**

Os objetivos ajudaram a estruturar todo o processo de ensino aprendizagem, servem, ainda, de orientação /clarificação da intencionalidade para os conteúdos e servem como meios para operacionalizar as competências. Nesta planificação, numa fase inicial, foram traçados alguns objetivos gerais.

#### **2.1.1 - Objetivos gerais**

Os objetivos gerais elaborados e traçados para esta unidade letiva foram:

1. Interpretar produções culturais sobre a adolescência;
2. Questionar-se sobre o sentido da realidade, equacionando respostas adequadas que integram uma visão coerente do mundo;
3. Organizar um universo coerente de valores, fundado na autonomia moral;
4. Mobilizar o valor da igualdade entre géneros, da aceitação da diversidade criadora e da complementaridade, interpretando criticamente os papéis sociais tradicionalmente atribuídos a cada sexo.
5. Questionar-se sobre o sentido da realidade, equacionando respostas adequadas que integrem uma visão coerente do mundo;

---

<sup>72</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 21

<sup>73</sup> PACHECO, José Augusto, *Currículo: Teoria e praxis*, Porto Editora 2005, 115

<sup>74</sup> PACHECO, José Augusto, *Currículo: Teoria e praxis*, Porto Editora 2005, 115

6. Relacionar-se com os outros com base nos valores da solidariedade, da amizade e do amor;
7. Interpretar textos bíblicos sobre o amor, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana;
8. Mobilizar o valor da liberdade responsável para a orientação do comportamento em situações vitais.

## **2.2 - Conceitos Organizadores**

Em seguida, procedeu-se à elaboração dos conceitos organizadores. Estes conceitos foram elaborados tendo em conta os objetivos gerais e os vários conteúdos a transmitir.

Os conceitos organizadores a desenvolver são os seguintes:

- Adolescência: período de crise individual, afetivo-relacional, intelectual, cultural e de identidade.
- Da heteronomia à autonomia moral
- Ser humano: ser masculino e ser feminino – complementaridade nas diferenças
- Dignidade e valor do próprio corpo e do corpo do outro: a aceitação do “eu” – alteridade e integração social
- A importância da solidariedade, da amizade e do amor na realização humana em vista à construção da comunhão
- Perspetiva bíblica do Amor e sua aplicação na atualidade pessoal e relacional
- Implicações e consequências da liberdade responsável na vivência pessoal e relacional

Depois de traçados os objetivos gerais e os conceitos organizadores foi necessário trabalhar sobre os vários conteúdos.

## **2.3 - Conteúdos**

*“Os conteúdos curriculares são entendidos como a base de conhecimentos e o conjunto de procedimentos que são requeridos aos alunos para que possam tornar-se competentes, capazes de fazer deles um uso inteligente de forma a poderem tornar-se cidadãos educados, e responder melhor às situações da vida e dos desafios do*

*pensamento*”.<sup>75</sup> Estes conteúdos foram divididos em três grandes domínios: cognitivo, procedimental e atitudinal.

### **2.3.1 - Conteúdos cognitivos**

- O que é a adolescência?
- As mudanças da referência social: a família e os amigos;
- Ser masculino e ser feminino: duas formas complementares do ser humano;
- Dimensão física do crescimento: o efeito simbólico do acesso à sexualidade activa;
- Identificação de sentimentos: amizade, amor e desejo sexual;
- A linguagem do amor: ultrapassar o egocentrismo infantil: Relação pessoal não possessiva nem centrada só no prazer;

### **2.3.2 - Conteúdos procedimentais:**

- Adolescência: momento em que se questiona o sentido da realidade;
- Passagem da heteronomia à autonomia moral;
- Experimentar novas formas de pensar: do pensamento concreto ao abstrato;
- Problematização da questão dos papéis tradicionalmente atribuídos a cada sexo;

### **2.3.3 - Conteúdos atitudinais:**

- Aceitação do corpo e auto e hetero-respeito em todas as suas dimensões;
- A linguagem do amor: ultrapassar o egocentrismo infantil:
  - *Linguagem da doação e aceitação do outro, estando disposto a aceitar o seu ponto de vista;*
  - *Construção da comunhão.*
  - Crescimento implica assumir novas responsabilidades e respetivas consequências.

---

<sup>75</sup>SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 16

## 2.4 - Metodologias privilegiadas

Foram privilegiadas as seguintes metodologias: diálogo, exposição, registos, reflexão, análise, power points, sopa de letras, palavras cruzadas, interpretação e síntese conclusiva.

## 2.5 - Avaliação

Todo o professor avalia para ensinar melhor. *“A avaliação das aprendizagens é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens”*<sup>76</sup>.

Nesta unidade letiva foram privilegiados alguns instrumentos de avaliação, com *“vista à verificação das aprendizagens e competências adquiridas pelos alunos.”*<sup>77</sup> Trabalhos de grupo, fichas sínteses e ficha de avaliação foram os instrumentos escolhidos para esta unidade letiva.

Todo este processo de avaliação permite o *“reajustamento das experiências de aprendizagem, dos recursos e das metodologias”*<sup>78</sup>

Depois de todo este processo, foram elaboradas as estratégias e as atividades a realizar em cada aula, que se verificam a seguir.

## 3 - Planificação

A planificação que surge em seguida, diz respeito à UL3 do sétimo ano: “A adolescência e os afetos”.

---

<sup>76</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: *Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 11

<sup>77</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: *Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 17

<sup>78</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: *Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 17

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Conceitos Organizadores	Conteúdos	Obj. Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo 1ª aula	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência: período de crise individual, afetivo-relacional, intelectual, cultural e de identidade.</b></li> <li>• <b>Ser humano: ser masculino e ser feminino – complementaridade nas diferenças</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é a adolescência?</li> <li>• Adolescência: momento em que se questiona o sentido da realidade;</li> <li>• Ser masculino e ser feminino: duas formas complementares do ser humano;</li> <li>• Problematização da questão dos papéis tradicionalmente atribuídos a cada sexo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreende que a adolescência é um período de crise que significa crescimento em todas as suas dimensões</li> <li>• Reconhece a individualidade e complementaridade do ser humano na sua realização pessoal e relacional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Registo do sumário</li> <li>• Verificação do material</li> <li>• <b>Sumário: Entrega dos testes diagnósticos. A Adolescência: diferenças entre os rapazes e as raparigas.</b></li> <li>• Depois de entregar os testes diagnósticos (<b>anexo 1</b>), introduz-se o tema adolescência, fazendo referência às respostas dadas por eles na questão número um e dois.</li> <li>• De seguida, os alunos são convidados a observar um filme que aborda as várias diferenças existentes entre o sexo masculino e feminino.</li> <li>• Depois de analisado e interpretado o filme, os alunos realizam o exercício 1 da ficha 58 do caderno do aluno (pág 93).</li> <li>• Quando todos tiverem acabado, corrige-se o exercício – se não houver tempo fica para trabalho de casa.</li> </ul> <p><b>Conclusão:</b> Existem diferenças entre os rapazes e raparigas, mas há uma complementaridade entre eles.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• quadro</li> <li>• Filme</li> <li>• quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 min</li> <li>• 10 min</li> <li>• 5 min</li> <li>• 15 min</li> <li>• 5 min</li> </ul>	<p>Obs. Informal de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atitudes;</li> <li>• Expressão da língua portuguesa.</li> <li>• Intervenções fundamentais.</li> </ul>

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Conceitos Organizadores	Conteúdos	Obj. Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo 2ª aula	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência: período de crise individual, afetivo-relacional, intelectual, cultural e de identidade.</b></li> <li>• <b>Da heteronomia à autonomia moral</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As mudanças da referência social: a família e os amigos;</li> <li>• Experimenta novas formas de pensar: do pensamento concreto ao abstrato;</li> <li>• Passagem da heteronomia à autonomia moral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreende que a adolescência é um período de crise que significa crescimento em todas as suas dimensões</li> <li>• Percebe a sua capacidade em julgar factos</li> <li>• Identifica uma escala de valores e respetivos critérios no agir moral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Registo do sumário</li> <li>• Verificação do material</li> <li>• <b>Sumário: As mudanças na adolescência: consequências e conselhos</b></li> <li>• É distribuída uma ficha de trabalho (<b>anexo 2</b>), aos alunos, que aborda diferenças significativas entre o rapaz e a rapariga e alguns aspetos comuns a estes dois sexos.</li> <li>• Os alunos, com a ajuda do livro encontram as palavras e escrevem-nas no caderno diário atribuindo cada diferença e características comuns aos respetivos sexos. Quando todos terminarem, corrige-se o exercício.</li> <li>• Em seguida, a professora aborda as consequências a nível físico, afetivo e social e quais as mudanças que estas transformações trazem no dia-a-dia.</li> <li>• Em voz alta, lesse o texto que refere alguns conselhos a tomar na idade da adolescência. À medida que vai sendo lido, a professora tem o cuidado de reforçar estes conselhos de forma a incentivar os alunos a segui-los (se não houver tempo para abordar os conselhos mais importantes, estes serão retomados na aula seguinte)</li> <li>• <b>Conclusão:</b> as mudanças entre o rapaz e a raparigas obrigam a ter uma atitude diferente perante o seu crescimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• quadro</li> <li>• Sopa de letra</li> <li>• Manual do aluno (págs 139-141)</li> <li>• Manual do aluno (pág138)</li> <li>• quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 min</li> <li>• 10 min</li> <li>• 20 min</li> <li>• 5 min</li> </ul>	<p>Obs. Informal de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atitudes;</li> <li>• Expressão da língua portuguesa.</li> <li>• Intervenções fundamentais.</li> </ul>

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Conceitos Organizadores	Conteúdos	Obj. Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo 3ª aula	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A importância da solidariedade, da amizade e do amor na realização humana em vista à construção da comunhão</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação de sentimentos: amizade, amor e desejo sexual;</li> <li>•</li> <li>• A linguagem do amor: ultrapassar o egocentrismo infantil;</li> <li>• <i>Relação pessoal não possessiva nem centrada só no prazer</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diferencia claramente os sentimentos da amizade e amor do desejo sexual.</li> <li>• Reconhece que o amor implica aceitação, doação, entrega e comunhão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Registo do sumário</li> <li>• Verificação do material</li> <li>• <b>Sumário: Conclusão da aula anterior. A sexualidade e o Amor</b></li> <li>• Conclui-se a aula anterior, referindo os principais conselhos a ter na adolescência.</li> <li>• Visualização de um power point sobre as diferenças entre o amor e a sexualidade (<b>anexo 3</b>).</li> <li>• Realização de um exercício com palavras cruzadas (<b>anexo 4</b>) sobre o mesmo tema, tendo por base o que se acabou de observar e algumas características que se encontram no manual do aluno</li> <li>• Corrige-se a ficha escrevendo no quadro as ideias principais</li> <li>• <b>Conclusão:</b> a sexualidade deve ser assumida e vivida de uma forma natural e autêntica. A sexualidade tem uma forte ligação com o amor.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• quadro</li> <li>• pág 154-159</li> <li>• quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 min</li> <li>• 15 min</li> <li>• 15 min</li> <li>• 5 min</li> </ul>	<p>Obs. Informal de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atitudes;</li> <li>• Expressão da língua portuguesa.</li> <li>• Intervenções fundamentais.</li> </ul>

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Conceitos Organizadores	Conteúdos	Obj. Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo 4ª aula	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Dignidade e valor do próprio corpo e do corpo do outro: a aceitação do “eu” – alteridade e integração social</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O medo, angústia e integração social no processo de crescimento;</li> <li>Aceitação do corpo e auto e hetero-respeito em todas as suas dimensões</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Percebe que o medo, a angústia e o desejo de integração social fazem parte do crescimento de todos os seres humanos e são fundamentais no equilíbrio e autonomia do adulto;</li> <li>Compreende a importância do auto e hetero-respeito pela sua dignidade e pela dignidade dos outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento</li> <li>Registo do sumário</li> <li>Verificação do material</li> <li><b>Sumário: A construção da identidade: realização de trabalhos de grupo.</b></li> <li>Resumo da aula anterior</li> <li>A construção da identidade, quando se chega à adolescência, assume contornos importantes e diferentes da infância.</li> <li>os alunos divididos em grupos de quatro aprofundam o tema que lhes é dado ( rituais de passagem, a procura da autonomia, identidade e risco o equilíbrio entre eu e os outros e a conquista da aceitação social). Cada tema é explorado pelo seu grupo tendo por base o livro.</li> <li>Durante esta aula elaboram os trabalhos, para os apresentarem na aula seguinte.</li> <li><b>Conclusão:</b> a personalidade vai-se construindo e para tal é necessário aceitar-se como é.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>quadro</li> <li>quadro</li> <li>quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>10 min</li> <li>30 min</li> <li>5 min</li> </ul>	<p>Obs. Informalde:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Atitudes;</li> <li>Expressão da língua portuguesa.</li> <li>Intervenções fundamentadas.</li> </ul>

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Conceitos Organizadores	Conteúdos	Obj. Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo 5ª aula	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Dignidade e valor do próprio corpo e do corpo do outro: a aceitação do “eu” – alteridade e integração social</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O medo, angústia e integração social no processo de crescimento;</li> <li>Aceitação do corpo e auto e hetero-respeito em todas as suas dimensões</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Percebe que o medo, a angústia e o desejo de integração social fazem parte do crescimento de todos os seres humanos e são fundamentais no equilíbrio e autonomia do adulto;</li> <li>Compreende a importância do auto e hetero-respeito pela sua dignidade e pela dignidade dos outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento</li> <li>Registo do sumário</li> <li>Verificação do material</li> <li><b>Sumário: A construção da identidade: apresentação dos trabalhos de grupo.</b></li> <li>Os alunos apresentam os trabalhos elaborados na última aula.</li> <li>Sempre que necessário, são interrompidos para esclarecerem algumas questões.</li> <li>À medida que o grupo vai apresentando os seus trabalhos, é feita uma pequena conclusão no quadro, salientando as ideias principais.</li> <li><b>Conclusão:</b> na adolescência, a personalidade vai-se formando e com ela surgem novas atitudes. O adolescente deve aceitar-se como é e não se fazer passar por aquilo que não é só para agradar aos outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>quadro</li> <li>Quadro, power point e leitura dos trabalhos</li> <li>quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>10 min</li> <li>30 min</li> <li>5 min</li> </ul>	<p>Obs. Informal de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Atitudes;</li> <li>Expressão da língua portuguesa.</li> <li>Intervenções fundamentais.</li> </ul>

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Conceitos Organizadores	Conteúdos	Obj. Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo 6ª aula	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A importância da solidariedade, da amizade e do amor na realização humana em vista à construção da comunhão</b></li> <li>• <b>Perspetiva bíblica do Amor e sua aplicação na atualidade pessoal e relacional</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A linguagem do amor: ultrapassar o egocentrismo infantil:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Linguagem da doação e aceitação do outro, estando disposto a aceitar o seu ponto de vista;</i></li> <li>• <i>Construção da comunhão.</i></li> </ul> </li> <li>• O Amor e sua implicação na vida pessoal e relacional;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhece que o amor implica aceitação, doação, entrega e comunhão.</li> <li>• Descobre que o amor exige encontro, aceitação e doação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Registo do sumário</li> <li>• Verificação do material</li> <li>• <b>Sumário: Conclusão da aula anterior. O amor: a sua importância no relacionamento com os outros</b></li> <li>• Conclusão da apresentação dos trabalhos de grupo</li> <li>• Distribuição, aos alunos, do texto bíblico 1Cor 14, 4-8 e a letra da música de Xutos e Pontapés “<i>Se me amas</i>” (<b>anexo 5</b>)</li> <li>• Exploração dos textos</li> <li>• Realização do exercício 3 do manual do aluno (pág 99)</li> </ul> <p>(No final pode-se ouvir a música) (se não houver tempo de corrigir o exercício, este será corrigido na aula seguinte).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Conclusão:</b> o amor não é egoísta, aceita o outro como ele é, torna a pessoa mais humana, não humilha o outro, mas procura fazê-lo feliz.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• quadro</li> <li>• quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 min</li> <li>• 15 min</li> <li>• 15 min</li> <li>• 5 min</li> </ul>	<p>Obs. Informal de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atitudes;</li> <li>• Expressão da língua portuguesa.</li> <li>• Intervenções fundamentais.</li> </ul>

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Conceitos Organizadores	Conteúdos	Obj. Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo 7ª aula	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Implicações e consequências da liberdade responsável na vivência pessoal e relacional</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crescimento implica assumir novas responsabilidades e respetivas consequências.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Revela que é capaz de assumir com responsabilidades as suas opções e respetivas consequências.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Registo do sumário</li> <li>• Verificação do material</li> <li>• <b>Sumário: Conclusão da aula anterior. As novas responsabilidades.</b></li> <li>• Conclui-se a aula anterior</li> <li>• Distribui-se aos alunos uma ficha resumo, abordando todos os conteúdos lecionados (<b>anexo 6</b>) – para preparação da ficha de avaliação</li> <li>• No final, os alunos são convidados a elaborar novas responsabilidades tendo por base os conteúdos assimilados</li> <li>• <b>Conclusão:</b> as novas responsabilidades contribuem para a construção da identidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• quadro</li> <li>• quadro</li> <li>• quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 min</li> <li>• 20 min</li> <li>• 10 min</li> <li>• 5 min</li> </ul>	<p>Obs. Informal de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atitudes;</li> <li>• Expressão da língua portuguesa.</li> <li>• Intervenções fundamentais.</li> </ul>

<i>EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM</i>						
<b>Conceitos Organizadores</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Obj. Específicos</b>	<b>Estratégias / Atividades</b>	<b>Recursos</b>	<b>Tempo 8ª aula</b>	<b>Avaliação</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Resposta às questões.</li> <li>• Resolução de problemas.</li> <li>• Interpretação de situações.</li> <li>• Correção (co)participada.</li> <li>• Eventual indicação de estratégias de remediação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de avaliação (<b>anexo 7</b>)</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Registos formalizados e sistemáticos de observação</li> </ul>

#### 4 - Análise crítica

O Ensino Religioso Escolar ocupa um lugar fundamental no sistema educativo. As grandes declarações de direitos, bem como a Lei de Bases do Sistema Educativos (LBSE), reconhecem a sua importância e enunciam princípios onde é possível enquadrar a sua inserção nos sistemas educativos.

É importante realizar o estágio em EMRC, quando se quer lecionar a disciplina. Além da credibilidade inerente que esta fase da formação acarreta em toda a comunidade educativa, a dimensão pessoal-profissional sai largamente enriquecida.

O docente de EMRC está na escola para lecionar os conteúdos previstos no programa, para ser um bom profissional, sem nunca olvidar a sua principal preocupação: os alunos. É neles que centra toda a sua atenção, disponibilidade, compreensão do “seu mundo” e dos seus interesses. Por isso, prepara uma aula, utilizando recursos e estratégias adequadas, tendo sempre em mente que cada aluno é diferente e que todos estão inseridos na mesma turma.

Toda esta caminhada foi feita neste estágio, trabalhando para conciliar o saber científico e didático-pedagógico, com a prática letiva. No entanto, nem sempre foi fácil colocar em prática o que se conhecia na teoria. O crescimento profissional foi fundamental pois permitiu adquirir novas competências na planificação das aulas e na planificação de atividades.

No que diz respeito à planificação, no início, foi difícil planificar uma unidade letiva, pois o programa era novo e muitos dos conteúdos mencionados nele encontravam-se mais desenvolvidos no manual e ainda existiam conteúdos que não eram referidos e estavam abordados no manual. Surgiu, então, a necessidade de colocar “ordem na casa” e começar por lecionar a unidade que mais se parecia com o anterior programa, de forma a permitir ganhar algum tempo para gerir melhor os conteúdos de outras unidades letivas.

A unidade letiva aqui apresentada é a UL3 “A adolescência e os afetos”. Atendendo à extensão dos conteúdos e à monitorização do programa foram atribuídas a esta unidade oito aulas, correspondendo a um período letivo. Este tempo foi considerado demasiado, visto que há alguns conteúdos já, anteriormente, referidos noutras disciplinas (Ciências Naturais) que permitem fazer uma interdisciplinaridade e aprofundar outros com maior interesse para a disciplina, por exemplo, a vivência do amor.

Um outro aspeto a ter em conta é a implementação dos novos programas de EMRC. O primeiro programa foi lançado há dezasseis anos. Todo o antigo programa estava centrado na perspectiva bíblica e quer a experiência humana e o compromisso convergiam para ela. No entanto, para melhor responder às preocupações dos alunos, das famílias, escola e sociedade, a Conferência Episcopal Portuguesa procedeu à revisão dos programas. Para tal elaborou o programa orientando para a “aquisição e desenvolvimento de competências, solidamente sustentadas no uso e integração de uma variedade de conteúdos de conhecimentos e não apenas para a memorização ou até compreensão desses mesmos conteúdos sem os constituir como base de ação e inteligibilidade do e no mundo.”<sup>79</sup> Todo este trabalho merece ser reconhecido, mas ainda se verificam algumas lacunas: confusão entre catequese/EMRC, algumas competências tem semelhanças com a catequese e alguns conteúdos têm caráter catequético e muitas semelhanças com os recursos.

EMRC e catequese são duas formas distintas do ministério da palavra, têm finalidades distintas. “O Ensino Religioso Escolar tem a sua identidade específica, distinguindo-se da catequese, desenvolvida nas paróquias ou noutros âmbitos. O contexto em que ocorre é significativamente diferente. A catequese desenvolve-se no seio de uma comunidade cristã concreta – quase sempre em paróquias –, o Ensino Religioso Escolar desenvolve os seus objetivos em meio escolar, no seio de uma comunidade que pretende assegurar às crianças e aos jovens a consecução de objetivos de natureza científica, cultural e humana”<sup>80</sup> No que diz respeito à catequese, esta “tem em vista transmitir a Palavra de Deus que revela o seu desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo de modo a despertar a fé e a conversão ao Senhor e a viver em comunhão com Ele”<sup>81</sup>. Isto é a catequese, enquadrada numa comunidade eclesial, numa paróquia, leva o crente a desenvolver, compreender e amadurecer a sua fé e a realizar um compromisso familiar, social e eclesial. A EMRC orienta o aluno para o sentido crítico da vida, ajuda-o a construir a sua personalidade de forma autónoma e ajuda-o a enfrentar com maturidade as várias mudanças sociais.

Assim, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica deve ser integrada na escola como um dos itinerários educativos, porque dá um grande contributo ao Estado, está ao serviço da educação integral, aí incluída a dimensão religiosa, pessoal e

---

<sup>79</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 14

<sup>80</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, 18

<sup>81</sup> João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi Trandendae*, nº 5 e 6

social, ajuda a amadurecer a questão do sentido, serve para apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso, entender e protagonizar o diálogo e aprender a posicionar-se frente aos fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.<sup>82</sup> Tudo isto é transmitido através de uma linguagem teológica e ética que tem um estatuto científico.

Todavia, ainda se verificam algumas competências que remetem à catequese. Um exemplo concreto surge nas seguintes competências específicas: identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo particularmente do Catolicismo (competência 14), interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes (competência 23) e reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana (competência 24). Estas competências, que surgem na UL3, têm muitas semelhanças com a catequese. O aluno pode interpretar outros textos religiosos sem recorrer à Bíblia. A Bíblia pode ser usada como um recurso, se o professor achar conveniente, mas também podem ser escolhidos outros textos de carácter teológico que transmitam a mesma mensagem. Outro aspeto relevante é a implicação que a mensagem bíblica tem (ou não) na vida de um aluno. Um aluno não crente pode não reconhecer as implicações dessa mensagem. A mensagem cristã tem de ser apresentada não como a única proposta a ser seguida, mas como mais uma proposta, mais uma solução às tantas propostas que surgem na vida do discente. Só quando o docente apresenta ao aluno as grandes questões do mundo numa perspetiva global, equilibrada, sem regionalismos, sem impor a mensagem cristã, mas colocando-a em diálogo, em confronto com outras perspetivas (filosófica, histórica...), nesta altura a identidade da disciplina está completa, pois o Ensino Religioso promove o conhecimento da perspetiva cristã e nunca o culto.

Outro aspeto a ter em conta diz respeito aos conteúdos abordados nesta UL3. As *mudanças na adolescência*. Este conteúdo já é abordado na disciplina de Ciências Naturais, na qual se referem as mudanças físicas que os rapazes e raparigas passam nesta etapa da sua vida. Não parece que tenha muita relevância para a disciplina de EMRC. É importante, sim, que o professor de EMRC faça perceber aos alunos que a adolescência é uma fase de mudanças e que os leve a compreender a importância que estas têm na sua vida. *Questionar o religioso e ser por ele questionado*: conteúdo demasiado catequético. O aluno pode questionar a perspetiva religiosa, mas ser

---

<sup>82</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Educação Moral e Religiosa Católica, Um valioso contributo para a Formação da Personalidade, in Pastoral Catequética, nº5 Secretariado Nacional da educação Cristã, Lisboa, 2006, 7-16

questionado pelo religioso já é uma questão de fé, pois só acreditando é que o discente pode deixar que o religioso entre na sua vida e o questione. Outros conteúdos mencionados nesta UL3 são: *o Cântico dos Cânticos; 1 Cor 12,31-13,8a*. Estes conteúdos são claramente recursos, pois são textos bíblicos, que podem ser utilizados para explorar um determinado tipo de conteúdo, mas não fazem sentido serem apresentados como conteúdos. Talvez um conteúdo a ser explorando, utilizando estes textos como recurso, seria: o amor segundo as várias perspectivas: filosófica, literária e religiosa. Ao longo desta UL, verifica-se que há muitos conteúdos a serem abordados pelo docente e talvez por isso possa dispersar e perca a essência da unidade. Por isso, é importante que o aluno conheça as várias fases da sua vida, que compreenda que as mudanças são importantes para o crescimento e só passando por elas se consegue chegar e alcançar a harmonia e reconheça que o crescimento implica responsabilidades nos seus atos e respetivas consequências.

Esta Unidade Letiva está muito relacionada com o Projeto de Educação Sexual (PES) proposto pelo Ministério da Educação na Lei nº 60/2009 de 6 de Agosto. Pretende o Ministério que os alunos desenvolvam e compreendam conteúdos ligados à sexualidade, como por exemplo: gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, o respeito pelas diferentes orientações sexuais, aparelho reprodutor, igualdade entre os sexos, a sexualidade responsável e informada, entre outros aspetos. Também alguns destes temas são abordados na disciplina de EMRC e relacionados com os sentimentos/valores, com a preocupação de transmitir aos alunos que a sexualidade é importante na vida do aluno, mas que esta está intimamente ligada ao amor, aos afetos, ao relacionamento com os outros de uma forma altruísta. Por isso é fundamental que esta UL3 transmita aos alunos a importância da adolescência e como ela é essencial no seu processo de desenvolvimento, que a sexualidade está presente em toda a vida do aluno e tem fortes ligações com os afetos, com os sentimentos, com o amor, pois só assim consegue ser vivida de uma forma saudável. É também relevante que a EMRC leve o discente a viver, a assumir novas responsabilidades na sua vida e na convivência com os outros.

A educação integral é fundamental e a EMRC contribui para “proporcionar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e do sentido da sua dignidade e reforçar o respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais, bem como a formação do carácter e da cidadania, preparando o educando para uma reflexão

consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos”<sup>83</sup> O Ensino Religioso ajuda na educação para os valores, afetos, para uma educação saudável, equilibrada tão importantes, essências e fulcrais para a sociedade, pois todos estes valores ajudam na construção da identidade do aluno, na relação com o outro e nas decisões responsáveis conscientes que o aluno toma ao longo da sua vida.

## **5 - A relação do tema, “ser masculino e ser feminino”, com a planificação**

A UL3 do sétimo ano do programa de EMRC reflete sobre a importância do ser masculino e feminino: duas formas complementares do ser humano, as diferenças entre o rapaz e a rapariga, a problematização da questão dos papéis tradicionalmente atribuídos a cada sexo, a construção da identidade e a sexualidade. Refere também sobre a linguagem do amor: relação pessoal não possessiva nem centrada só no prazer, a aceitação do outro construindo assim uma relação baseada na comunhão, na igualdade e dignidade do ser humano.

Conteúdos como estes são fundamentais para que os alunos reflitam sobre eles, tomem consciência que o homem e a mulher têm a mesma dignidade, não são inferiores nem superiores, mas iguais nos seus direitos e deveres e conseguem-se completar numa relação de amor. Esta relação de amor deve levar o ser humano à comunhão, à abertura ao outro, ao diálogo, à partilha, ao respeito mútuo e respeito pela liberdade e dignidade da pessoa.

Nesta planificação há destaque à perspectiva bíblica. É importante que o faça para que o aluno tenha uma visão da forma como a Religião Católica encara esta relação entre o ser masculino e o ser feminino. Mais nenhuma disciplina transmite esta perspectiva e é fundamental que o aluno tenha conhecimento da mensagem bíblica, a aprofunde, reconheça a sua importância e a assuma no seu dia-a-dia do aluno.

É, portanto, necessário fazer uma planificação que aborde, de uma forma simples e adequada à faixa etária dos discentes, este tema para que os alunos percebam que o homem e a mulher completam-se um ao outro numa relação e que esta complementaridade assume a sua plenitude no amor, referido na perspectiva bíblica.

---

<sup>83</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário. Lisboa: SNEC, 2007, 13

## **Breve resumo da III parte**

Planificar é um trabalho árduo, pois toda a planificação deve ser ajustada e adequada ao público-alvo de acordo com as características, capacidades da turma. Nenhuma planificação pode ser definitiva, pois toda a planificação está sujeita a modificações. É portanto um processo em aberto.

Toda a planificação deve ter bem definidos os seus objetivos, conteúdos e estratégias a utilizar. Neste caso concreto a UL3 foi planificada na sequência da prática supervisionada atendendo às metodologias utilizadas na mesma.

Apesar de todo este trabalho, não foi fácil planificar esta UL3, porque era a primeira vez que este programa estava a ser implementado e ainda não tinha sido analisado pelo professor o que levou a um trabalho mais minucioso e árduo. A implementação dos novos programas orientados para a aquisição de competências foi muito importante na medida em que respondeu às exigências do sistema educativo. No entanto, ainda se verifica algumas lacunas neste novo programa de EMRC: confusão com catequese e EMRC, algumas competências têm semelhanças com a catequese e alguns conteúdos têm carácter catequético e semelhanças com recursos.

De salientar, a articulação desta unidade com o PES, proposto pelo Ministério da Educação que desenvolvem conteúdos muito semelhantes levando os alunos a assumir a sua sexualidade como parte integrante da sua vida e que tem uma forte ligação com os afetos, sentimentos, amor e só tem sentido no contacto com o outro.

Esta planificação está adequada à faixa etária dos alunos do sétimo ano. Aborda conteúdos como a afetividade, sexualidade, a perspetiva bíblica do amor, característica específica da disciplina de EMRC, levando o aluno a assumir novas responsabilidades perante uma etapa da vida, a adolescência.

## Conclusão

O homem e a mulher são dois seres diferentes. As diferenças físicas, biológicas, sociológicas, históricas, culturais e educacionais sempre existiram e vão estar sempre presentes ao longo da vida destes dois seres.

As diferenças culturais, sociais e até mesmo a própria educação são resultados dos costumes adquiridos de acordo com o viver de cada sociedade. A este processo chama-se socialização de gênero. Através deste processo, o ser masculino e feminino “aprendem” a ser homem e mulher “absorvendo” as influências familiares, sociais, educacionais e culturais e assim vão formando a sua identidade, identificando-se cada vez mais com as ideias próprias de cada sociedade. De referir, também, que todo este processo vai criando desigualdades entre estes dois seres e atribuindo “tarefas específicas” ao homem e à mulher: a mulher a “dona de casa”, submissa e o homem o “chefe de família”.

Todavia, estas ideias não são definitivas e por isso mesmo vão-se modificando, ao longo dos tempos, e a forma de encarar a relação homem-mulher também se altera. Verifica-se, então, que já não há as chamadas tarefas femininas e masculinas, já não há o que é próprio da mulher ou próprio do homem. Há uma certa libertação destes pensamentos, uma nova visão do homem e da mulher, bem como uma nova forma de acolher esta mudança na sociedade.

Esta mudança também é aplicada na forma de encarar e viver a sexualidade. A sexualidade também acentua a diferença entre estes dois seres, pois cada um assume a sua sexualidade de acordo com a sua identidade. No entanto, a vivência desta mesma sexualidade modifica-se e aceita-se como uma forma de estar, de se relacionar com os outros e consigo mesma, no contato com o outro, englobando toda a pessoa.

No entanto, todas estas alterações têm consequências na relação destes dois seres, porque o homem e a mulher necessitam um do outro para se relacionarem, pois todo o ser humano é um ser relacional, que necessita de comunicar, de transmitir os seus sentimentos, emoções, frustrações. Por isto tudo, o homem procura a mulher para construir com ela uma relação capaz de os completar, capaz de lhes trazer uma maior abertura ao outro. Esta relação só é possível nos seres da mesma natureza. Isto verifica-se desde a criação do homem e da mulher. Quando Deus criou os animais, o homem não reconheceu em nenhum deles um ser semelhante a ele, capaz de o completar, capaz de estabelecer com eles qualquer relação. Quando a mulher é colocada diante do homem,

este reconhece nela um ser que o completa, que pode estabelecer uma relação, que pode comunicar, porque a mulher, apesar de ser diferente do homem tem a mesma natureza.

A relação homem/mulher baseia-se no amor. Este amor é reflexo do amor que Deus tem para com o seu povo. Um amor fiel, verdadeiro, libertador, altruísta. É também através deste amor que o homem identifica a mulher como um ser diferente, mas com a mesma natureza e como tal deve ser respeitada na sua dignidade e não vista como uma submissa, uma “auxiliar” que está ao dispor do homem.

Durante muito tempo, a palavra auxiliar ganhou um sentido pejorativo, submetendo a mulher ao homem. No entanto, a perspectiva bíblica indica que quem está ao serviço, à disposição, quem gosta de servir o outro, de se colocar à disposição das pessoas, demonstra de amor. Encontra-se, assim, o sentido bíblico da palavra auxiliar: servir é sinal de amor. Um caso concreto está em Maria. A mãe de Jesus demonstrou disponibilidade, capacidade de servir e de amar e foi por ela que Deus se torna homem no meio dos homens. Através desta encarnação, Jesus assume uma presença na terra e surge com Ele uma nova visão da mulher.

À medida que Jesus entra na vida das mulheres há uma transformação na sua forma de ser e estar que as leva a mudar de vida e a anunciar aos outros a mensagem evangélica, as leva a colocá-las ao serviço do reino de Deus e dos outros. Assim, a palavra auxiliar, através desta visão de Jesus ganha um novo alento, uma nova perspectiva, pois está sempre associada à ideia de alguém que se disponibiliza ao serviço do outro, sem se tornar inferior, pois servir é sinal de amor. A mulher torna-se, então, auxiliar do homem porque o ama e é por este amor e neste amor de dádiva, de doação, de entrega, de aceitação, de reciprocidade, de cumplicidade, de aproximação, de abertura ao outro, que os dois se completam.

O tema “ser masculino e ser feminino” reflete a planificação desenvolvida para alunos do sétimo ano. É importante que estes percebam que ser homem e ser mulher não é a mesma coisa, mas a relação entre estes dois seres deve ser vivida e basear-se na igualdade entres eles, na aceitação das diferenças, na diversidade criadora de cada um e na complementaridade. Só compreendendo esta complementaridade, só aceitando as diferenças como naturais, próprias de cada um mas enriquecedoras para ambos, os alunos podem crescer de uma forma mais saudável e com um amadurecimento mais enriquecedor na relação. Daí a importância de planificação em contexto de sala de aula para que se aplique melhor este tema tão complexo de se transmitir a alunos de sétimo ano.

Esta planificação está adequada à faixa etária dos alunos do sétimo ano. Aborda conteúdos como a afetividade, sexualidade, a perspectiva bíblica do amor, característica específica da disciplina de EMRC, levando o aluno a assumir novas responsabilidades perante uma etapa da vida, a adolescência. Esta planificação ajuda os discentes a descobrir novas perspectivas de vida e ajuda-os a tomarem as suas próprias decisões. É também importante que o docente faça entender ao aluno que existem valores fundamentais (amor, amizade, interajuda, cooperação, sinceridade...) que devem ser colocados ao serviço do outro e na relação com o outro. Fazê-los compreender que as diferenças significativas entre os rapazes e raparigas não se podem reduzir só ao contato físico, mas que estas diferenças os devem ajudar a descobrir sentimentos puros e sinceros entre eles. É importante, também, que o aluno compreenda que toda a sua sexualidade envolve toda a sua pessoa, toda a sua forma de estar, de ser, de contactar com o outro, de agir, de se mover.

Nem sempre é fácil planificar uma unidade. Em primeiro lugar porque toda a planificação tem de estar adequada ao perfil dos alunos, em segundo lugar, porque qualquer planificação pode estar sujeita a alterações ao longo do período. Elaborar estratégias, desenvolver os conteúdos, definir os objetivos é uma tarefa árdua, pois nem sempre o que é elaborado pode surtir efeito positivo e transmitir a mensagem de uma forma clara. Por isso é fundamental que o professor de EMRC tenha formação neste campo, ou seja realize a prática supervisionada em EMRC, para melhor responder às adversidades que possam surgir na elaboração de uma planificação.

O estágio ajuda a conciliar o saber científico e didático-pedagógico, com a prática letiva. No entanto, nem sempre é fácil colocar em prática o que se conhece na teoria. O crescimento profissional é fundamental pois permite adquirir novas competências na planificação das aulas. No entanto, é importante que haja uma base que permita ao professor desenvolver os conteúdos fundamentais. Essa base está presente nos novos programas de EMRC.

Os novos programas de EMRC surgiram para melhor responder às preocupações dos alunos, das famílias, escola e sociedade, a Conferência Episcopal Portuguesa procedeu à revisão dos antigos programas e elaborou o programa orientando para a aquisição e desenvolvimento de competências. Todo este honroso trabalho deve ser reconhecido, mas ainda surgem com ele muitas lacunas: confusão entre catequese/EMRC, algumas competências tem semelhanças com a catequese e alguns conteúdos têm caráter catequético e muitas semelhanças com os recursos.

Concluindo: o homem e mulher são diferentes fisicamente e vão ser sempre diferentes. Porém, estas diferenças não podem ser só reduzidas ao aspeto físico, mas também existem ao nível educacional e social. Estas diferenças, em alguns casos, podem levar à desigualdade entre estes dois seres, por exemplo a nível laboral, atribuindo tarefas específicas ao homem e à mulher. Felizmente que este cenário vai-se alterando ao longo dos tempos e surge com ele uma nova forma de estar e uma maior abertura às mudanças ocorridas na sociedade.

Apesar de todas estas diferenças, é nela que todo o ser humano se completa, porque o que difere num surge como complemento do outro. Sem a diferença não havia complementaridade, sem a diferença não havia proximidade, sem a diferença a relação entre homem e mulher tornava-se monótona e sem vida. No entanto, esta diferença deve ser respeitada, acolhida e realizada no amor, pois só o amor pode transformar, só o amor leva à abertura ao outro, ao encontro do outro, leva ao altruísmo, à complementaridade, ao encontro, à doação. O amor é a grande chave que colmata a diferença entre o homem e a mulher.

## **Bibliografia**

### **Fontes**

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa/Fátima, 2005

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário. Lisboa: SNEC, 2007

### **Documentos do Magistério**

Catecismo da Igreja Católica, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2º Ed. 2000

Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, “A Família, esperança da Igreja e do mundo, 2004

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Educação Moral e Religiosa Católica, Um valioso contributo para a Formação da Personalidade, Secretariado Geral da CEP, Lisboa, 2006

Constituições Concílio Vaticano II, Gaudium et Spes, 1965

Conselho Pontifício para a Família, “Sexualidade humana: verdade e significado”, Editorial A. O. Braga, 1996

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica Mulieris Dignitatem, 1988

JOÃO PAULO II, Cartas, Carta às famílias, 1994

João Paulo II, Exortação Apostólica, Catechesi Tradendae, 1979

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica, Familiaris Consortio, 1981

### **Dicionários**

BLANK, Josef, “Sexualidade/ética sexual”, Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, dir. Peter Eicher, São Paulo, Paulus, 1993, 823- 829

Dicionário eletrónico de Língua Portuguesa 2a, Houaiss, Abril 2007

KORFF, Wilhelm, “Mujer-hombre” Dicionário de conceptos teológicos, dir. Peter Eicher, Herder, Barcelona, Vol. II., 1990, 120-124

MONLOUBOU, L e Buit, F.M. du, ”Amor”, Dicionário Bíblico Universal, Petrópolis, 1997, 29-32

PIANA, Giannino, “Educação sexual”, Dicionário de Bioética, dir. S. Leone, S. Privitera e Jorge Teixeira da Cunha, EPS, 1997, 364-366

PIANA, Giannino, “Pessoa em bioética”, Dicionário de Teologia Moral, dir. F. Compagnoni – G. Piana – S. Privitera – M. Vidal, Paulus, São Paulo 1997, 837-844

PIANA, Giannino, “Sexualidade”, Dicionário de Bioética, dir. S. Leone, S. Privitera e Jorge Teixeira da Cunha EPS, 1997, 1021-1024

RIVA, A, “Feminismo”, Dicionário de Espiritualidade, Edições Paulinas, São Paulo, Vol. I, 1989, 442-452

## **Estudos**

ALMEIDA, Filipe, “Identidade no masculino” in Cadernos de Bioética, nº22, Edição CEB, Coimbra, 2000, 31-39

BEAUVOIR, Simone, “O Segundo sexo” vol.1, Edição Bertrand, Lisboa, 2008,

CARVALHO, José Carlos, “A mulher nova na sagrada escritura, uma perspetiva para o século XXI do feminino bíblico de Deus,” Estudos Teológicos 12, 2008, 37-62

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Educação Moral e Religiosa Católica, Um valioso contributo para a Formação da Personalidade, in Pastoral Catequética, nº5 Secretariado Nacional da educação Cristã, Lisboa, 2006, 7-16

COUTO, António, “Como uma dádiva, caminhos de antropologia bíblica”, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2º edição, 2005

COUTO, António, “Pentateuco: caminho da vida agraciada”, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2º Edição, 2005

FAEL, M<sup>a</sup> Manuel, “O corpo na construção do projeto de vida. Uma visão bioética da sexualidade, in Cadernos de Bioética, n<sup>o</sup> 27, Edição CEB, Coimbra, 2005, 93-107

GIDDENS, Anthony – O mundo na era da Globalização. Editorial Presença. Lisboa: 2000

GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2<sup>o</sup> Edição, 2000

HANKS . S. E, “revolution Sexual y Violência contra la Mujer, Limites entre Liberation y Exploitation” (tradución de J. Valiente Malla), in Concilium, Revista Internacional de Teologia, n<sup>o</sup> 193, Ediciones Cristiandad, Madrid, 411-413

KEATING, Maria, “Identidade no Feminino”, in Cadernos de Bioética, n<sup>o</sup>22, Edição CEB, Coimbra, 2000, 21-30

LAMAS, Estela – A Mulher em questão: contributos para uma pastoral da Mulher. Ed. Federação das Mulheres Metodistas. Porto: 1998

Léon-Dufour, Xavier, Duplacy, Jean, “Amor” Vocabulário de Teologia Bíblica, Editora Vozes, Petrópolis, 1999, 44-52

MAGALHÃES, Vasco Pinto, “Sexualidade, definição num contexto bioético” in Cadernos de Bioética, n<sup>o</sup>22, Edição CEB, Coimbra, 2000, 47-50

MORGAN, Lewis H. “A sociedade primitiva”; Volume I, 2 ed, Editorial Presença, Lisboa, Portugal, Martins Fontes Brasil, 1976

PACHECO, José Augusto, Currículo: Teoria e praxis, Porto Editora 2005

SÁ, Eduardo, “A identidade é um vínculo” in Cadernos de Bioética, n<sup>o</sup>22, Edição CEB, Coimbra, 17-20

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ “Livres para amar”, Lisboa, 2009, 28

WOJTYLA, Karol, Amor e responsabilidade, Edições Loyola, 1<sup>a</sup> Edição, 1982

## **Legislação**

DIÁRIO DA REPÚBLICA 1.ª série: Assembleia da República, Lei Orgânica n.º 3/2006 de 21 de Agosto

Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto

## **Netgrafia**

<http://www.diocesedecoimbra.pt/sdpfamiliar/teologiadocorpoPeDuarte.htm> (consultado a 30 de Julho 2010)

<http://www.kamasutra.blog.br/2007/08/15/definicao-de-sexo-e-sexualidade-was/> (consultado a 10 de Setembro de 2010)

[www.editora-opcao.com.br/ada51.htm](http://www.editora-opcao.com.br/ada51.htm) (consultado a 10 de Setembro de 2010)

[http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/Mitos%20e%20factos%20Violencia\\_domestica.htm](http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/Mitos%20e%20factos%20Violencia_domestica.htm) (consultado a 20 de Novembro de 2010)

<http://www.editora-opcao.com.br/ada51.htm> (consultado a 10 Setembro de 2010)

[www.vatican.va](http://www.vatican.va) (consultado ao longo do trabalho)

## Índice Geral

Agradecimentos.....	2
Siglário .....	3
Introdução .....	4
1 – Contextualização .....	4
2 – Método .....	5
3 - Organização .....	6
4 – Objetivos .....	6
1 – As diferenças entre homem e mulher .....	8
1.1- Sexo .....	8
1.2 - Género.....	9
1.3- Socialização de género.....	9
2 – As desigualdades entre o homem e a mulher .....	11
3 – O homem e a mulher: que imagem?.....	14
3.1– A mulher: uma imagem doméstica?.....	14
3.2 – Homem: um ser em mudança.....	16
4– Sexualidade .....	18
4.1– O que é a sexualidade? .....	18
4.2 – O contacto com o outro .....	19
Breve resumo da I parte .....	21
II Parte.....	23
1 – Ser masculino e ser feminino: visão teológica. ....	23
1.1 – “Ele os criou homem e mulher” (Gn 1, 27b-28) .....	23
1.2 – A mulher, uma auxiliar?.....	24
3 – Homem e mulher complementam-se.....	28
3.1 – O que é o amor? .....	28
3.2 – O amor conjugal .....	29
4 – A família.....	32
Breve resumo da II parte .....	33
III parte.....	35
1 – Análise da UL3: “A adolescência e os afetos” .....	35
2 – Desenvolvimento.....	36
2.1 - Objetivos.....	36

2.1.1 - Objetivos gerais .....	36
2.2 - Conceitos Organizadores .....	37
2.3 - Conteúdos .....	37
2.3.1 - Conteúdos cognitivos.....	38
2.3.2 - Conteúdos procedimentais: .....	38
2.3.3 - Conteúdos atitudinais:.....	38
2.4 - Metodologias privilegiadas .....	39
2.5 - Avaliação .....	39
3 - Planificação.....	39
4 - Análise crítica .....	48
5 - A relação do tema, “ser masculino e ser feminino”, com a planificação.....	52
Breve resumo da III parte.....	53
Conclusão.....	54
Bibliografia .....	58
Índice Geral.....	62